

**MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS**

**MIGRANTES DESPORTISTAS:  
O CASO DOS BASQUETEBOLISTAS PROFISSIONAIS NA ILHA TERCEIRA**

Ana Margarida Cunha Silva

2012

Ponta Delgada

## Mestrado em Relações Interculturais

Dissertação de Mestrado

MIGRANTES DESPORTISTAS:  
O CASO DOS BASQUETEBOLISTAS PROFISSIONAIS NA ILHA TERCEIRA

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em  
Relações Interculturais, sob a orientação do Professor  
Doutor João Sardinha.

*“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito”*

Marthin Luther King

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação de Mestrado marca mais uma importante etapa na minha vida.

Este projeto não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas às quais estou profundamente grata:

Ao Professor Doutor João Sardinha por ter aceite o desafio de orientar a minha dissertação. Agradeço-lhe a sua disponibilidade, colaboração, conhecimentos transmitidos e estímulo ao longo de todo este percurso.

Aos meus pais, Lurdes Silva e José Silva, pela educação que recebi, pelo seu amor incondicional e por me terem dado a maior herança desta vida - o orgulho de ser vossa filha.

Ao meu namorado, Nuno Branquinho, pelo amor, paciência, compreensão e incentivo para a concretização deste sonho.

Ao meu avó paterno, Clarimundo da Silva, por me ter inculcido o gosto pelos estudos e pela leitura.

Aos atletas estrangeiros que aceitaram ser entrevistados e partilhar os seus percursos migratórios.

Aos treinadores, João Ávila, Luís Brasil, Marcos Couto e Rui Fagundes, pela partilha de experiências e informações.

Aos meus irmãos, familiares e amigos, Luís, Carla e Paula Silva, Anabela Silva, Isabel Cruz, Armando Silva, Sofia Correia, Ana Rocha e Pedro Loth pela amizade, carinho, compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis.

## **Resumo**

Portugal foi considerado durante vários anos um país de emigração. No final do século XX verificou-se uma diminuição do número de emigrantes e conseqüentemente, um aumento do número de imigrantes residentes em território nacional. Este movimento migratório trouxe também um novo movimento de trabalho e de oportunidades nos quais podemos incluir o desporto. Neste sentido, não é errado afirmar que o mundo se moldou também pela migração.

O desporto é um produto social e, como tal pode desempenhar um papel importante na integração social dos imigrantes, apesar de em alguns contextos reforçar as diferenças interétnicas.

O estudo aqui apresentado é pioneiro nos Açores e através do mesmo pretendemos compreender o processo de contratação e de integração dos atletas migrantes na sociedade terceirense, não só a nível dos clubes, mas também a nível de inserção laboral, social e familiar. Posto isto, em primeiro lugar será apresentado o quadro teórico e metodológico da investigação, seguindo-se a temática de imigração e desporto e para finalizar, a caracterização do grupo de estudo e das problemáticas aqui estudadas.

**Palavras-chave:** Desporto; Imigrantes; Grupos Sociais; Diversidade Cultural.

## **Abstract**

For a long period of time Portugal was considered an emigration country. Towards the end of the 20<sup>th</sup> century the number of emigrants decreased gradually which resulted in a growth of the number of immigrants living in the country. Migration came along with new employment opportunities where sport is included. So, we dare to say that migration performed many changes in the world we live in.

Sport is a social product, and it has an important role in the immigrants' social integration, although in certain social contexts it may reinforce ethnical differences.

Given that this is a pioneering research project in the Azores, our goal is to understand how the process of hiring and integration of the foreign athletes to the local society unfolds. Thus, we will start by introducing the theory and guidelines for this project, followed by immigration and sports, along with the description of the target group and related subjects.

**Key-words:** Sports; Immigrants; Social Groups; Cultural Diversity.

## **Lista de Abreviaturas**

**ABIT** – Associação de Basquetebol da Ilha Terceira

**CICDR** - Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial

**CNAI** – Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante

**DRC** – Direção Regional das Comunidades

**DRD** – Direção Regional do Desporto

**INE** – Instituto Nacional de Estatística

**LPB** – Liga Portuguesa de Basquetebol

**NBA** – National Basket Association

**Proliga** – Liga Profissional de Basquetebol

**SEF** – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

**WNBA** – Women’s National Basket Association

# Índice

Índice Remissivo de Gráficos .....	10
Introdução ao tema .....	12
Capítulo I - Enquadramento Teórico I – Teoria das Migrações.....	15
1.1. Teoria das Migrações Laborais Desportivas .....	15
1.2. O modelo do push and pull .....	20
1.3. Teoria das Relações Centro - Periferia e Desequilíbrio Estrutural .....	22
Capítulo II – Enquadramento Teórico II – Imigração e Desporto .....	26
2.1. Definição de conceitos .....	26
2.2. Políticas de Integração .....	32
2.2.1. Modelos de Integração face à Imigração .....	32
2.3. Tipologia dos atletas migrantes.....	35
Capítulo III – Metodologia.....	39
3.1. Apresentação da metodologia de trabalho .....	39
3.2. Limitações do estudo:.....	40
3.3. Instrumentos de recolha de dados .....	40
Capítulo IV - Caracterização do grupo de estudo .....	44
4.1. Perfil sócio-demográfico .....	44
4.1.1. Idade e Sexo.....	44
4.1.2. Estado Civil .....	45
4.1.3. Níveis de Instrução .....	45
4.2. Percurso Migratório.....	46
4.3. Trabalho e condições de vida na Ilha Terceira.....	47
4.3.1. Situação Habitacional .....	48
4.3.2. Aprendizagem da Língua.....	49

4.3.3. Situação profissional.....	51
4.3.4. Situação Familiar.....	53
4.4. Os Imigrantes desportistas e a sociedade Terceirense .....	54
4.4.1. Integração dos imigrantes basquetebolistas.....	55
4.4.2. Grupo de Amigos.....	59
4.4.3. Clubes Desportivos.....	60
4.5. expectativas e Experiências na pratica desportiva .....	63
Conclusão.....	66
Referências Bibliográficas .....	68
Webgrafia.....	74
Anexos.....	75

## Índice Remissivo de Gráficos

<b>Gráfico I</b> - Principais nacionalidades em Portugal em 2010.....	24
<b>Gráfico II</b> – População Imigrante segundo o sexo.....	45
<b>Gráfico III</b> – Basquetebolistas imigrantes entrevistados segundo o país de origem.....	47
<b>Gráfico IV</b> – Situação profissional dos atletas estrangeiros.....	52

*“Athletes are on the move. The migration of sports talent as athletic labour is a pronounced feature of sports development in the late twentieth century”.*

Joseph Maguire e John Bale

## Introdução ao tema

A presente dissertação incide sobre o tema *Migrantes Desportistas: O caso dos basquetebolistas profissionais na Ilha Terceira*. A escolha deste tema deve-se ao facto de nos últimos anos ter-se observado um aumento significativo de atletas estrangeiros no ativo nos clubes de basquetebol da Ilha Terceira. Verifica-se que a Terceira é a ilha dos Açores que mais tem apostado na formação e na inclusão de atletas estrangeiros nas suas equipas. A Ilha Terceira conta com seis clubes de basquetebol sénior sendo que quatro destes fazem parte de ligas profissionais de basquetebol masculino e feminino – Proliga, Liga Feminina e LPB (Liga Portuguesa de Basquetebol).

Segundo a Secretária Regional da Educação e Formação, «Os Açores, fruto de uma política de desenvolvimento desportivo assente em princípios bem claros e partilhados com as instituições regionais, apresentam a maior taxa de participação absoluta federada de Portugal, que se situa em 9,6%, enquanto que na Madeira é de 7% e no território continental é de 5%».<sup>1</sup> A Secretária Regional da Educação e Formação, Cláudia Cardoso, recordou ainda que em 2011 a Região Autónoma dos Açores ultrapassou a barreira dos 23 mil atletas federados, «num total de 46 modalidades e 23.283 atletas», existindo atualmente 49 associações contra as 34 que existiam em 1995, e mais de 250 clubes com atividade federada.

Portugal tornou-se nas últimas décadas um país de excelência na prática de modalidades desportivas e na formação dos respetivos atletas. O Desporto é um instrumento fundamental para a integração e desenvolvimento dos jovens. A Ilha Terceira prima pela qualidade na formação e na inclusão dos seus atletas.

O basquetebol é uma modalidade desportiva olímpica e, tem angariado cada vez mais admiradores, muito devido ao impacto que o basquetebol americano tem sobre os nossos atletas.

Os clubes desportivos procuram não só desenvolver a modalidade desportiva como também, formar e capacitar os atletas para a prática desportiva e para a integração na sociedade. Nas últimas décadas, os clubes de Basquetebol da Ilha Terceira registaram um aumento muito significativo de atletas estrangeiros, provenientes do Leste Europeu, do Continente Africano e da América do Norte. Na época desportiva de 2011/2012 estiveram inscritos nos clubes de basquetebol da Ilha Terceira vinte e quatro atletas de sete nacionalidades diferentes (América, Angola, Brasil, Cabo-Verde, Inglaterra e Sérvia). De entre os atletas estrangeiros contratados destaca-se os oriundos dos Estados Unidos da

---

<sup>1</sup> Declarações da Secretária Regional da Educação e Formação no âmbito do III Fórum do Desporto Federado. Rádio Atlântida, 9 de junho de 2012. São Miguel – Açores.

América. Os/as atletas americanos/as são, na sua maioria, formados nos colégios universitários e já representaram clubes americanos. Por norma, todos os/as atletas contratados pelos clubes terceirenses já representaram também clubes nacionais.

Este estudo é pioneiro nos Açores e como tal, pretende compreender o processo de contratação e de integração dos atletas migrantes na sociedade terceirenses, tanto a nível dos clubes, inserção laboral, inserção social e familiar. Assim, como referem Rui Pena Pires *et al.*, (2010:70) “[...] conhecer a imigração é, em boa medida, caracterizá-la profissionalmente”. E, na prossecução dos objetivos que acabámos de enunciar, pretendemos compreender o porquê da escolha da Ilha Terceira para desenvolver a sua atividade profissional.

O campo de observação é a Ilha Terceira, pelo facto de ser a ilha que possui maior número de atletas migrantes com estatuto de residentes nos Açores. De forma a esclarecer a questão de partida, “Quais as razões que levaram os Clubes de Basquetebol da Ilha Terceira a contratar os/as atletas de diferentes nacionalidades?” formulámos as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Quais as razões e intenções que levam estes atletas a optarem por jogar nos clubes de basquetebol da Ilha Terceira?

**Hipótese 2:** Que condições oferecem os clubes aos atletas estrangeiros?

**Hipótese 3:** Que planos de integração existem para estes atletas?

**Hipótese 4:** Que dificuldades sentem na adaptação/integração aos clubes e à sociedade em geral?

O nosso universo de estudo é constituído pelos atletas estrangeiros, residentes na Ilha Terceira e que representaram os clubes de basquetebol profissional na época desportiva de 2011/2012. Este estudo é baseado em entrevistas a 13 atletas (8 do sexo masculino e 5 do sexo feminino) que migraram para a Ilha Terceira, bem como no testemunho de 3 treinadores do sexo masculino que treinam os clubes de basquetebol da Ilha Terceira.

Este estudo encontra-se dividido em quatro capítulos: no primeiro capítulo, abordaremos o enquadramento teórico – teoria das migrações, sabendo que, para estudar a problemática migratória existe um conjunto diversificado de abordagens e quadros teóricos. Neste sentido, privilegiámos alguns dos que, no nosso entender, melhor se aplicam ao fluxo e contexto em questão, nomeadamente

a teoria das migrações laborais desportivas, o modelo do push and pull e a teoria das relações centro-periferia e desequilíbrios estruturais.<sup>2</sup>

No segundo capítulo iremos apresentar o enquadramento teórico - imigração e o desporto, através da definição de conceitos que envolvem o tema e das políticas de integração adotadas por Portugal para a Imigração. Dentro destas políticas, retrataremos os modelos de integração face à imigração e à tipologia dos atletas migrantes.

No terceiro capítulo abordaremos a metodologia e apresentaremos o universo de estudo, a dimensão e caracterização da amostra, não esquecendo as hipóteses e os procedimentos metodológicos.

No quarto e último capítulo iremos expor a caracterização do grupo de estudo. A caracterização do grupo de estudo está dividida pelo perfil sócio-demográfico com as variáveis “idade” e “sexo”, “estado civil” e “escolaridade”; pelo percurso migratório, pelo trabalho e as condições de vida na ilha Terceira, nomeadamente a situação profissional, situação familiar, acolhimento e integração pelos imigrantes desportistas e a sociedade terceirense onde abordaremos a integração dos imigrantes basquetebolistas e os clubes desportivos. Por último, apresentaremos as expectativas e experiências na prática desportiva.

Nas considerações finais iremos retomar, de forma sistemática, os principais pontos e salientar os novos conhecimentos obtidos através deste projeto. Devemos destacar que o presente estudo não pretende constituir uma análise exaustiva e definitiva do fenómeno, devendo antes ser entendido como uma proposta de síntese sobre esta temática e, simultaneamente, chamar a atenção para as particularidades que caracterizam este fluxo migratório no contexto desportivo.

---

<sup>2</sup> Segundo Gilberta Rocha (1991: 213), “a inexistência de uma teorização única da problemática migratória é, consequência não só duma diferença metodológica mas também da diversidade espacial e temporal apresentada pelos vários fluxos migratórios. Se alguns trabalhos enquadram um certo tipo de correntes migratórias, dificilmente o podem fazer no que respeita a outras, apesar da visão unitária com que o fenómeno deve ser abordado, o que justifica as várias tipologias existentes”.

# Capítulo I - Enquadramento Teórico I – Teoria das Migrações

## 1.1. Teoria das Migrações Laborais Desportivas

Uma das características da maioria das sociedades industriais modernas é a força do trabalho social e a sua capacidade de mobilidade. O movimento dos atletas da sua cidade natal para o local de recrutamento, estabelecido pelos clubes desportivos de elite ou profissional, pode ser visto como parte deste mesmo processo.

O desporto é um produto social e, como tal torna-se um enfoque para a comunidade, e uma oportunidade para as pessoas se unirem e enfatizarem suas semelhanças e diferenças. Segundo Wolff (1981) o desporto está intimamente relacionado com a arte, uma vez que a “noção romântica e mística da arte como a criação de ‘génio’ transcende a sociedade da existência e do tempo”. Um conjunto de semelhantes noções místicas existem no mundo do desporto, por isso as emoções dos atletas são explicadas não só como uma produção física/genética, mas também como o resultado do desempenho e criatividade dos indivíduos.

Alguns autores consideram que não existe uma “teoria geral das migrações”. Jansen explica:

“A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante” (Jansen, 1969: 60).

Estudar a migração de atletas e localizar os problemas que lhe estão associados, só é possível com a conjugação de, pelo menos, três áreas de estudo: a sociologia, a demografia e a geografia. Esta conjugação de esforços permite compreender as migrações nas dimensões temporais, espaciais e

estruturais. Segundo Gregory (1985), uma das vantagens decorrentes da convergência das disciplinas, assenta na possibilidade de alguns estudos geográficos se preocuparem com a localização dos indivíduos no tempo e no espaço. Já Mennell (1990), considera que em alguns estudos da sociologia histórica existe a preocupação de discernir e explicar a longo prazo os processo estruturados de desenvolvimento social.

A existência de um desenvolvimento social estruturado implica um movimento espacial e temporal, isto porque, qualquer processo social só poderá ser explicado quando enquadrado no tempo e no espaço. Esta interconexão do tempo e do espaço pode ser analisada quer a nível do envolvimento de pessoas em diferentes ciclos de interação social, quer a nível de transformações da sociedade global.

De forma a compreender as teias de interdependências criadas nas interações sociais, Norbert Elias (1980) fornece algumas orientações teórico-empíricas que podem ser úteis para compreendermos as migrações laborais. No seu estudo sobre as variáveis espaço e lugar, Elias apresenta alguns critérios para comparar com maior precisão as várias dimensões do desenvolvimento social. O primeiro critério assenta na premissa de que o número de contatos de rotina entre indivíduos varia consoante as diferentes classes sociais, idades e sexo. O segundo critério considera que o desenvolvimento social depende do número, do comprimento, da densidade e da força das redes de interdependência que as pessoas individualmente formam entre si. A segunda premissa permite compreender que o processo de migração laboral é gravemente afetado pela globalização e pelos contatos estabelecidos entre os indivíduos.

A geografia humana tem evoluído de forma mais lenta do que a sociologia ou a história, no que concerne a migração desportiva como objeto de investigação (Maguire, 1988). O desporto é encarado como uma inovação no tempo e no espaço e as variáveis dominantes são a distância entre a origem e o destino.

A maioria dos estudos geográficos sobre a migração laboral tem assumido formas que vão desde o estudo quantitativo dos fluxos migratórios, até estudos de âmbito mais comportamental. Hagerstrand's (1967) estuda as migrações através do espaço e ao longo do tempo. Este investigador prefere observar movimentos migratórios de curta distância ao invés de movimentos de longa distância. Independentemente do tipo de estudo realizado sobre migrações, é fundamental observar as variáveis tempo e espaço, pois são elas que determinam a duração e adaptação à nova realidade. A colaboração mais importante da geografia está presente nos mapas de fluxos migratórios entre a origem e o destino do migrante.

A abordagem comportamental das migrações vê o movimento entre dois lugares, como o resultado de um processo de tomada de decisão. Este modelo baseia-se nas necessidades e expectativas dos migrantes e nas características do ambiente desportivo existente. Quando o resultado das condições é positivo, existe uma maior probabilidade do/a atleta migrar.

Bale (1991) tem usado este modelo para estudar a migração de atletas estrangeiros para os EUA. Um dos fatores fundamentais para a decisão de ficar ou regressar a casa é a utilidade que este local lhe dá. O choque cultural e a adaptação a novas situações laborais e sociais afeta drasticamente a decisão de ficar ou partir. Seguindo a mesma linha de estudo defendida no modelo de Taylor (1985) sobre os níveis do sistema político, Bale (1991) apresenta o seu estudo sobre a migração de atletas estudantes para as universidades americanas. O seu estudo parte da observação dos seguintes princípios:

1. Realidade (global – realização desportiva)
2. Ideologia (sistemas nacionais de desporto)
3. Experiência (situações desportivas locais)

Para compreendermos os processos de migração laboral desportiva é fundamental localizar e evidenciar o desenvolvimento desportivo e o sistema global. No que diz respeito às origens do desporto moderno e à subsequente propagação e desenvolvimento, há uma série de concorrentes abordagens teóricas. Estes debates têm sido objeto de estudo de diversos autores, nomeadamente Dunning, Maguire e Pearton, (1993), Gruneau, (1988) e Stoddart, (1989). Neste contexto, a análise está mais voltada para o estudo dos princípios fundamentais que sustentam as abordagens teóricas, para o estudo dos sistemas globais. Os padrões de migração global podem ser vistos como um reflexo da rápida mudança dos laços económicos, políticos, culturais e desportivos entre países.

Os processos migratórios estão intimamente relacionados com a teoria da modernização, uma vez que esta teoria se concentra nos aspetos políticos, culturais, económicos e sociais dos processos migratórios. Na análise dos processos migratórios, é tido em conta que o desenvolvimento de instituições políticas que apoiam a tomada de decisão participativa centram-se no crescimento e desenvolvimento de ideologias seculares e nacionalistas. O surgimento de uma divisão de trabalho, o uso de técnicas de gestão, as inovações tecnológicas e as atividades comerciais são também assuntos de grande importância para a teoria da modernização. O desporto moderno e a sua internacionalização nascem com a modernização das redes de comunicação e de transporte. Autores como Baker (1982) utiliza estes princípios para estudar o desenvolvimento desportivo global.

Teóricos sobre a modernidade, como Giddens, Debord e Castells (2002), forneceram para a pesquisa uma leitura atualizada das transformações e mudanças que traçam o perfil de novas conexões sociais. A formação e o funcionamento do desporto de alto rendimento encontra a sua origem no que Giddens (2002: 221) chamou de “alta modernidade” ou “modernidade tardia”, para muitos pós-modernidade.

A modernidade, para efeitos de pesquisa, é considerada em termos institucionais como parte da premissa de que as mudanças e transformações sociais introduzidas pela modernidade cruzam-se de maneira direta com a vida individual. Instituições que diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto ao seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais e ao seu impacto global. O ritmo da mudança social é muito mais rápido do que em sistemas anteriores, não só o ritmo da mudança social, mas a amplitude e profundidade que afetam as práticas sociais (Giddens, 2002: 21). A ‘alta modernidade’ ou ‘modernidade tardia’ corresponderia, então, à presente fase de desenvolvimento das instituições marcadas pela radicalização e pela globalização dos traços da modernidade. O traço distintivo entre a modernidade e a “alta modernidade” encontra-se na deslocação da produção de manufatura de bens materiais para a da informação. Castells (2001) chamou a época atual de “era da informação”, mostrando que a expansão das instituições modernas está fortemente marcada pelo imenso fluxo de informações que as avançadas formas de comunicação têm propiciado.

A mudança radical na relação entre espaço e tempo, interligando mundos nunca antes imaginados, resultante da revolução tecnológica ocorrida nos meios de comunicação (impulsionada pelo desejo de expansão do capital), provocou uma gama de alterações nas relações sociais. Foi essa recente configuração social que Debord (1994) chamou de “sociedade do espetáculo”, cuja principal crítica assenta na passividade com que esta absorve a informação, permitindo aos donos da informação o controle sobre a massa.

A forma de organização e os resultados apresentados pelo basquetebol profissional terceirense têm permitido a identificação de valores, práticas, ideias e traços que o caracterizam como um desporto moderno, inserido nos princípios que regem o *ethos* profissional (Elias, Dunning, 1985). Esse desporto é marcado pela sólida presença de competitividade, pela orientação cada vez maior para resultados, pela presença de regras bem definidas, pela organização capaz de gerir um crescente número de funções que se centram na prática do desporto, pela presença de valores pecuniários em todos os níveis de relacionamento e pela atenção especial ao espectador/fã.

A abordagem de modernização está intimamente ligada ao funcionalismo. O funcionalismo foi o paradigma dominante nessa área de pesquisa até ao início dos anos setenta. Essencialmente

preocupados com a forma como as sociedades tradicionais alcançavam a modernidade, esta abordagem tem enfoque sobre os aspetos políticos, culturais, económicos e sociais desse processo. A migração é considerada como um sintoma fundamental da mudança social. A sua importância como um fenómeno social atual está a crescer e a tomar outros contornos sociais, políticos, económicos e culturais. Como tal, têm sido levantadas questões sobre qual a razão que leva as pessoas a deslocarem-se de um país para outro.

Como refere Castles (2005), os movimentos migratórios resultam normalmente de ligações prévias entre os países emissores e recetores, decorrentes de colonização, influência política, trocas comerciais, investimentos ou laços culturais. Esta situação é refletida de forma sistemática pelos atuais padrões de migração internacional. De facto, utilizando uma teoria dos sistemas mundiais, pode-se argumentar que os Estados centrais dominam e controlam a exploração dos recursos e da produção. A desqualificação dos Estados semiperiféricos e periféricos ocorre nos termos e condições estabelecidos pelo núcleo de estados. Os trabalhadores mais talentosos, que em países periféricos ou semiperiférico investiram tempo e recursos, são atraídos para os estados centrais cuja riqueza deriva de seu controle sobre o trabalho atlético.

As migrações têm sofrido diversas alterações e os próprios motivos de migrar também. Hoje em dia, é mais fácil tomar a decisão de migrar, principalmente se um migrante tiver incentivos financeiros para fazer essa mudança. Além disso, a modernização das sociedades criou novas oportunidades profissionais permitindo assim, uma melhor migração e integração. A migração de profissionais desportivos está cada vez mais presente nas sociedades modernas e, como tal, é cada vez mais um objeto de estudo para os sociólogos. A profissionalização do desporto tem, no entanto, atingido estágios de desenvolvimento diferentes consoante a sociedade. O desporto profissional parece criar oportunidades favoráveis para a migração.

A migração é internacional por natureza, uma vez que, não há uma rede bem estabelecida com o mesmo tipo de normas sociais e regras para ambas as competições nacionais, internacionais e campeonatos. Portanto, a migração desportiva torna-se mais fácil, porque é uma decisão de mudança que beneficiará a carreira do atleta profissional. Como conceito, a migração indica um movimento de indivíduos e grupos sociais entre duas sociedades. As oportunidades oferecidas são comparadas por pessoas envolvidas no processo de migração (Jackson, 1986: 14). De acordo com Soderling (1988: 11) a decisão pessoal de migrar depende dos valores dos benefícios sociais potenciais da decisão (Straubhaar, 1986: 845 - 50).

Rose (1969: 146-7) enfatizou o papel dos fatores económicos como os principais motivos para a migração. Eles têm certamente um papel importante. De outra forma, existem fatores que tornam a necessidade de imigração tão forte que as considerações económicas deixam de existir (Georg, 1970: 39-48). Esses fatores podem ser de ordem religiosa, política, racial, bélica ou natural.

De acordo com vários estudos, existe uma grande variedade de análises das migrações quer devido ao seu tamanho, quer à sua direção. Diversas teorias veem os movimentos migratórios não só em termos de distância, mas também em termos de oportunidades.

Segundo Stouffer (1940), o número de pessoas que vão de uma determinada distância é diretamente proporcional ao número de oportunidades que existem no país de acolhimento e, inversamente proporcional ao número de possibilidades de intervenção.

Os resultados do estudo de Rose (1970: 85-92) provam que nesta teoria, a classe social é uma variável independente e desempenha um papel importante, porque as classes sociais mais baixas experimentaram mais oportunidades intervenientes em uma determinada distância do que as classes superiores. Contudo, esta teoria tem sofrido alterações porque, por exemplo, a migração de atletas profissionais enquadra-se nas classes sociais qualificadas, porque se trata de atletas oriundos das Universidades dos Estados Unidos da América.

## **1.2. O modelo do push and pull**

A Socióloga Maria Beatriz Rocha-Trindade (1995: 77) considera que nas migrações existem fatores que levam à existência da Teoria da Atração-Repulsão. Esta teoria é vista pela socióloga como a “compilação de causas de repulsão e de atração e constitui uma primeira aproximação à questão ‘quem é que emigra?’, mas essa enumeração não esclarece quanto aos fatores estruturais subjacentes aos padrões migratórios observados a longo prazo”.

O percurso migratório tem uma importância decisiva, na medida em que nos permite avaliar a capacidade que a Ilha Terceira tem em captar atletas imigrantes, conhecer as diferentes estratégias de mobilidade utilizadas e ter uma visão das principais razões que impulsionaram o próprio percurso migratório.

Segundo Rocha-Trindade (1995) o percurso migratório apresenta-se sobre várias fases: no país de origem, a decisão de partir e os preparativos; segue-se a viagem, os primeiros tempos no país de

acolhimento e a fase de inserção. Vive-se então o momento da decisão entre regressar ou ficar, podendo a última alternativa ser definitiva ou protelada.

Um aspeto importante na decisão de migrar é a existência de informação do destino, isto é, o local de destino tem um papel determinante no ato de decisão, uma vez que, os migrantes se deslocam “do conhecido para o menos conhecido” (Rocha-Trindade, 1995: 90). A informação do país de destino pode ser múltipla e de várias áreas, mas a principal informação que sustenta a comparação de oportunidade de vida é, segundo Rui Pena Pire (2003: 71) “a que é vinculada oralmente nas redes estabelecidas entre migrantes da mesma origem e o meio de emigração”. A decisão de emigrar implica calcular os custos e benefícios da migração para um local diferente do que habitualmente reside. O momento de decisão de partir também coincide com determinados fatores do ciclo de vida, tais como a entrada na vida ativa, o fim dos estudos, o casamento e a idade da reforma e outros fatores relacionados com catástrofes naturais, guerras, crises sociais, entre muitos outros.

Muitas das teorias sobre a migração desportiva centram-se sobre os chamados fatores *push and pull* (“atração e repulsão”). Os fatores *push* referem-se às dinâmicas dentro de um país de origem que forcem os atletas a emigrar, tais como a falta de oportunidades profissionais, a necessidade de aprendizagem e aspirações profissionais e pessoais. Os fatores *pull*, pelo contrário, são as características que atraem os imigrantes, nomeadamente o mercado de trabalho próspero, melhores condições gerais de vida e possibilidade de ascensão social e profissional.

No casos da migração desportiva os fatores de atração para a emigração seriam o crescimento demográfico, fracas condições de vida, ausência de oportunidades económicas e necessidade de reafirmação profissional. Os fatores de repulsão da imigração seriam a procura de mão de obra, boas oportunidades económicas e possibilidade de reconhecimento internacional. Esta visão, encontrada na teoria económica neoclássica, é individualista, enfatizando a decisão individual de imigrar. O seu conceito central é o capital humano no sentido de desenvolvimento pessoal, ou uma decisão de maximização da utilidade individual.

Guttmann (2004) apresenta, no contexto atual da sociologia do desporto, reflexões sociológicas marcantes para percebermos como o desporto moderno se apresenta na sociedade atual. O autor enfatiza as muitas facetas que diferenciam o desporto moderno do desporto de séculos passados e apresenta a cumplicidade desse fenómeno com a forma contemporânea da vida. Considera como principais características do desporto moderno a secularização, a igualdade de oportunidades de

competição, a especialização de papéis, a racionalização, a organização burocrática, a quantificação e a questão da visibilidade profissional.<sup>3</sup>

É evidente que as funções de *push and pull* são fatores onde o migrante desportivo tem de tomar a decisão de transitar de um país para o outro. Quando não existe a oportunidade de começar ou continuar a sua carreira desportiva como jogador profissional no seu país natal, o impulso de imigrar é muito maior e, de certa forma, facilita todo o processo migratório. Contudo, além das habilidades desportivas existe outro fator decisivo para a tomada de decisão, sendo ele a idade. Autores como Daniel, (1939: 290-308); Pourcher, (1964); Buechler, (1987) consideram que a idade mais propícia à migração de atletas profissionais situa-se na faixa etária dos 20-34 anos. No início da década de 1980 havia, segundo Dryansky (1982: 112-17), pelo menos 600 americanos a jogar basquetebol profissional na Europa Ocidental.

As teorias de *push and pull* têm sido criticas por oferecerem explicações demasiado simplistas de um processo complexo e multifacetado. Em vez disso, os teóricos da migração estão cada vez mais a observar os padrões globais de migração como “sistemas” produzidos por interações entre processos de nível macro e micro. Por fatores macro – entende-se situações de âmbito local, como a situação política na área, as leis e regulamentos que controlam a imigração e a emigração ou as mudanças na economia internacional, fatores esses que exercem uma importante influência sobre diversos aspetos. Os fatores micro – são os que dizem respeito aos recursos, conhecimentos e formas de pensar das próprias populações migrantes.

### **1.3. Teoria das Relações Centro - Periferia e Desequilíbrio Estrutural**

Portes (1999: 26) destaca que a emergência de fluxos regulares de mão de obra em direção ao exterior, com uma dimensão estável e destino conhecido, dependeria em grande medida da expansão prévia de Estados-Nação mais poderosos para áreas periféricas emissoras. Ainda segundo o mesmo autor, este processo assumiu, ao longo da história do capitalismo, formas distintas, desde a extração coerciva de trabalho escravo, iniciada no século XVI, até aos fluxos de mão de obra autogerados a que assistimos presentemente (Portes, 1999).

---

<sup>3</sup> No sentido de que as condições de competição são teoricamente as mesmas para todos.

Michael Piore (1979) identificou o recrutamento de imigrantes pela criação de incentivos à saída como um fator central na produção de fluxos de mão de obra oriundos de países periféricos, representando a fase intermédia da evolução das migrações laborais, no contexto da estrutura de relações centroperiferia (cit. por Portes, 1999).

Portes (1999) salienta ainda que a satisfação das expectativas normativas de consumo, importadas dos países avançados, torna-se progressivamente mais difícil em condições de escassez económica, ao passo que os crescentes laços internacionais tornam mais fácil a sua concretização através da emigração. Assim, “as correntes migratórias, em geral, dirigem-se de países periféricos para aqueles países centrais com os quais possuem maiores vínculos históricos e que são normalmente responsáveis pela difusão de novos desejos e aspirações” (Portes, 1999: 3).

Como refere Castles (2005: 23), os movimentos migratórios resultam normalmente de ligações prévias entre os países emissores e recetores, decorrentes da colonização, influência política, trocas comerciais, investimentos ou laços culturais. Esta situação é refletida de forma sistemática pelos atuais padrões de migração internacional. Um exemplo é o conjunto de fluxos migratórios que consolidaram as presentes comunidades de origem latino-americanas nos Estados Unidos. Em Portugal observou-se esta tendência até ao final do século XX. Os imigrantes eram oriundos dos chamados países lusófonos, como por exemplo, Cabo-verde, Angola, Moçambique e Brasil, entre outros. No século XXI, a origem geográfica dos imigrantes diversificou-se mas, no seu conjunto, estes países lusófonos continuam a ser os mais representativos, o que nos leva a considerar que não é por acaso que Portugal é um dos destinos internacionais mais procurados pelos brasileiros, caboverdianos, angolanos e ucranianos.<sup>4</sup> (SEF 2010)

---

<sup>4</sup> [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2010.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf) (consultado 23.5.2012)

Gráfico I: Principais Nacionalidades em Portugal em 2010

Países	Total de Imigrantes em 2010	Percentagens
Brasil	119.363	27%
Ucrânia	49.505	11%
Cabo Verde	43.979	10%
Roménia	36.830	8%
Angola	23.494	5%
Guiné-Bissau	19.817	4%
Reino Unido	17.196	4%
China	15.699	4%
Moldávia	15.641	4%
São Tomé e Príncipe	10.495	2%
Outros	93.243	21%
<b>TOTAL</b>	<b>445.262</b>	<b>100%</b>

Fonte: SEF

Segundo João Peixoto (2002) a imigração tem fluxos muitos variados, como por exemplo, no caso da imigração africana boa parte dos fluxos “tradicionalis” procedeu da forma habitual das redes migratórias, existindo percursos individuais ou familiares que beneficiaram da entreaajuda de migrantes já instalados no destino. Já no caso da imigração de leste, a rede de tráfico organizado, permitiu que a corrente migratória se registasse com uma grande velocidade e disseminação por todo o país. Partindo do pressuposto que é com base na informação acerca das características da sua região de origem e das potencialidades da região de destino (em particular oportunidades de trabalho e níveis salariais) que os indivíduos decidem por um percurso migratório, sendo a procura de melhores condições de vida uma das principais motivações que os levam a deixarem os seus países de origem. Como nem todas as migrações têm os mesmos objetivos, também as motivações para migração podem ser múltiplas.

No caso da migração desportiva além da questão financeira, em grande parte dos casos está a questão do reconhecimento profissional. Muitos dos migrantes desportistas são recém formados pelas universidades americanas e procuram, em países como Portugal, notoriedade e reconhecimento pelas suas qualidades desportivas. Deste modo, a migração está quase sempre associada a fatores económicos, e é sobretudo através da inserção laboral que o processo migratório pode ser concretizado e mantido ao longo do tempo.

## Capítulo II – Enquadramento Teórico II – Imigração e Desporto

### 2.1. Definição de conceitos

As migrações descrevem alguns movimentos de longa duração e a transformação das migrações temporárias e migrações permanentes. Segundo Kalarova (2009: 25) a migração pode ser definida como uma transição física de indivíduos, mas também como uma transição entre espaços sociais: externa (entre diferentes Estados-Nação) e interna (entre regiões dentro do mesmo Estado). Uma das características mais importantes para particularizar as migrações relativamente à mobilidade geográfica, “consiste em que a deslocação implique «desintegração (na sociedade de partida) e (re) integração (na sociedade de chegada)»” (Pires, 2003: 59). Esta característica das migrações separa as migrações de outros tipos de mobilidade. Dentro das mobilidades podemos incluir as deslocações casa-emprego e as viagens de turismo.

As migrações internas diferenciam-se das migrações internacionais porque esta última implica a travessia de uma fronteira entre Estados-Nação. As migrações podem surgir de diversos fatores, naturais, sociais, políticos, étnicos, económicos e familiares.

Segundo Cohen (2005: 30) existe 8 tipos de migrações:

1. Migrações de trabalhadores legais e documentados;
2. Migrações de trabalhadores ilegais ou indocumentados;
3. Migrações de refugiados e de pessoas deslocadas;
4. Migração feminina independente;
5. Migração de trabalhadores especializados de curta duração;
6. Migração de trabalhadores especializados de longa duração;
7. Movimentos internos de grande escala;
8. Turismo.

A migração de atletas desportivos enquadra-se nas migrações de trabalhadores especializados de curta duração e na migração de trabalhadores legais e documentados. O termo emigração refere-se tradicionalmente ao ato de emigrar, ou seja, à saída de alguém do local normal de residência, do seu país de nascimento, para outro local supostamente por um curto período de tempo. Podemos considerar que o emigrante é um nacional ausente do seu país, da sua pátria. O ato de emigrar implica uma série de decisões como ficar e partir. Estas duas decisões são fundamentais para o desenrolar do

processo de emigração. Depois da decisão de ficar ou partir, cabe ao emigrante pensar em preparar a viagem: onde terá de organizar a documentação necessária (caso seja uma emigração legal), que contatos/conhecidos tem no país de acolhimento, que língua terá de falar/aprender, entre outros. Posto isto, concretiza-se a viagem para o local de destino, o primeiro contacto e a consequente instalação. Estes processos requerem uma enorme capacidade de autocontrolo e de adaptação porque, independentemente do tipo de migrante, a opção de migrar não é um processo simples e rápido.

O crescente aumento do número de emigrantes ficou a dever-se à melhoria dos meios de comunicação e de transportes. A melhoria das redes de transporte permite aos migrantes deslocarem-se com maior rapidez, comodidade e conforto. Cada emigrante transporta consigo a sua própria identidade pessoal e cultural. A identidade cultural desenvolve-se de acordo com as vivências de cada um e, com a forma como cada indivíduo se integra na sociedade. O Sociólogo Stuart Hall (2006) caracterizou a identidade como algo que está em permanente mudança devido à sua permanência. A emigração é um perfeito exemplo dessa mudança, porque todos os indivíduos que emigram têm de se adaptar a uma nova realidade e a uma nova cultura. Nessa adaptação irão assimilar a cultura “nova” não esquecendo, nem apagando a cultura de origem. A adaptação não é instantânea, implica a interação e assimilação dos traços culturais que caracterizam a cultura e os modos de vida.

Atualmente, os principais fatores que levaram os cidadãos a emigrar refletem, no geral, sinais da conjuntura económica global, onde se destacam o fraco crescimento económico, a distribuição desigual de rendimentos, o crescimento demográfico, o crescente aumento do desemprego, as características naturais, os conflitos étnicos e políticos, entre outros. Contudo, a emigração não se reveste apenas de fatores negativos, também o desenvolvimento do país reforça a estabilidade para se emigrar, criando as migrações internacionais uma vez que, as pessoas têm melhores condições para emigram e realizarem os objetivos definidos.

A Socióloga Maria Beatriz Rocha Trindade (1995: 31) considera que o imigrante “é um estranho vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de se inserir, sujeitando-se às leis que administram, leis que regulam as relações públicas e privadas que irá encetar e terá de desenvolver durante a estada que aí venha a fazer”.

O imigrante acaba por ser considerado um estrangeiro onde, os seus direitos e deveres não são igualáveis aos de um cidadão nacional. Assim sendo, a imigração acaba por ser uma realidade que, apesar de existir em diferentes proporções, afeta todos os continentes “demonstrando que, quer a intensificação, quer a mundialização constituem atualmente tendências generalizadas das migrações

internacionais”. A imigração constitui, em grande escala, a diversidade cultural num mesmo espaço geográfico. Esta diversidade poderá ser racial, linguística, política, social e étnica.

Tomando este ponto em consideração, no âmbito deste estudo, em que o tema principal é compreender o processo de contratação e integração dos atletas imigrantes na sociedade terceirense, torna-se essencial debater os conceitos-chave devido à sua importância do desenvolvimento da problemática em questão.

**Integração:** é definida como um processo através do qual os imigrantes e os seus descendentes se adaptam à sociedade de acolhimento e que, necessariamente implica a assimilação dos valores, normas, regras, atitudes, comportamentos característicos das sociedades de destino (Berry, 1992). No entanto, apercebemo-nos de que, muitas vezes, existe uma intenção de diversos grupos de imigrantes e seus descendentes de não pretenderem participar no processo de assimilação e aculturação, preservando as suas identidades de origem.

**Cultura:** Segundo Edward Tylor (1871) a cultura era “um todo complexo no qual incluía conhecimento, arte, moral, lei, costume, crença e ainda qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade”. A cultura não é uma coisa, pelo que em certo sentido não podemos conseguir tocar nem ver. É um modo de pensar e de agir, um modo de os indivíduos se manifestarem. De acordo com Geertz (1989), a cultura é um padrão de significados históricos, incorporado em símbolos e materializado em comportamentos.

**O basquetebol** é, dentro dos desportos nacionais, um desporto original, porque foi inventado em 1891 pelo professor canadense James Naismith, na Associação Cristã da Juventude de Springfield (Massachusetts), EUA, com o objetivo de promover a necessidade de um jogo de ginásio que seria a grande atração do inverno, como o futebol é no outono e o basebol é no verão.

Em Portugal o basquetebol como modalidade desportiva foi introduzido em 1913 por intermédio do professor suíço de Educação Física, Rodolfo Horney, na cidade do Porto.

É jogado por duas equipas de 5 jogadores, que têm por objetivo passar a bola por dentro de um cesto colocado nas extremidades do campo, seja num ginásio ou ao ar livre. Os aros que formam os cestos são colocados a uma altura de 3 metros e 5 centímetros. Os jogadores podem caminhar no campo desde que driblem (batam a bola contra o chão) a cada passo dado. Também é possível executar um passe, ou seja, atirar a bola em direção a um companheiro de equipa. O basquetebol é um desporto olímpico desde os Jogos Olímpicos de verão de 1936, em Berlim. É um dos desportos mais populares do mundo.

**O desporto** é um fenómeno sociocultural, que envolve a prática voluntária de uma atividade predominantemente física e competitiva com finalidade recreativa ou profissional, ou predominantemente física não competitiva com finalidade de lazer, contribuindo para a formação, desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento físico, intelectual e psíquico dos seus praticantes e espetadores. Além de ser uma forma de criar uma identidade desportiva para a inclusão social. A atividade desportiva pode ser aplicada ainda na promoção da saúde em âmbito educacional, pela aplicação de conhecimentos especializados numa comunidade não especializada.

Segundo Carneiro (1997) o desporto é porventura o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo. E, na realidade, o desporto é, cada vez mais, visto como um produto e um serviço gerador de educação, de cultura, de lazer e de economia, no quadro da organização social dos países (Pires, 1996: 11). Brohm (1998) vai mais longe, afirmando que o desporto é a “religião atlética do século XX, é hoje o ópio do povo por excelência”.

Tanto as ciências biológicas como as ciências sociais têm contribuído largamente para o desenvolvimento da alta competição e vice-versa. Marques (1992) considera que o desporto de alto nível e as disciplinas olímpicas têm constituído, e constituem ainda, um centro de atração altamente sedutor para a ciência e a tecnologia.

O desporto provavelmente foi das instituições que, no século XX, maiores transformações sofreu. Segundo Bento (2000) devemos estar abertos aos novos perigos do desporto como, a comercialização excessiva, a configuração jurídica e estrutural ditada por premissas económicas, ignorando as pedagógicas, sociais e humanas e, a insuficiência de oportunidades para os mais novos e de medidas de apoio para os mais talentosos.

**A diversidade cultural** é um caminho que abrange boa parte das pessoas, dando a todos o direito de expressão, proporcionando a muitas sociedades que surgiram separadas e sentindo diferenças culturais o direito de se expressarem através das suas culturas. Essas diferenças culturais que existem entre os povos, também fazem com que exista variações na forma em como as sociedades se organizam, e a maneira que interagem no seu ambiente mudando as suas concepções. Importante será dizer que a diversidade cultural preserva a sobrevivência e a longo prazo as culturas indígenas que são tão importantes para humanidade assim como a conservação de todas as espécies existentes no ecossistema.

**Grupos Sociais:** Uma tendência natural do ser humano é a de procurar uma identificação com alguém ou com alguma coisa. Quando uma pessoa se identifica com outra e passa a estabelecer um vínculo

social com ela, ocorre uma associação humana. Com o estabelecimento de muitas associações humanas, o ser humano passou a estabelecer verdadeiros grupos sociais. Podemos definir que grupo social é uma forma básica de associação humana que se considera como um todo, com tradições morais e materiais. Para que exista um grupo social é necessário que haja uma interação entre os seus participantes.

De forma a compreender as relações que existem entre um treinador e os seus atletas é necessário perceber o conceito de grupos. Segundo José Mourinho “o grupo vem primeiro do que as partes. O Grupo vem primeiro do que o indivíduo, não só concetualmente, mas culturalmente” (Lourenço e Ilharco, 2004: 25). Um grupo social é constituído por um conjunto de indivíduos que têm em comum interesses, uma situação e sentimentos de pertença a esse grupo. Um grupo social não é uma simples adição de indivíduos ou um ajuntamento fruto do acaso. Grupo social constitui um todo superior à soma dos indivíduos que o compõem. Segundo José Mourinho: “Ninguém está acima do grupo” (Lourenço e Ilharco, 2004: 25).

Os indivíduos estão ligados por interesses comuns. Os indivíduos que compõem um grupo, para além de uma certa duração, têm de ter em comum relações de comunicação, interação entre eles, uma organização, um conjunto de interesses comuns, uma finalidade, valores e normas e uma linguagem. Por exemplo, uma equipa de basquetebol caracteriza-se como um grupo secundário, isto porque, dentro do grupo estabelecem um relacionamento mais formal e distante, os laços afetivos são inexistentes. É uma organização mais ampla e organizada e menos espontânea do que o grupo primário. O grupo e a equipa são entidades diferentes. “O conceito de grupo remete para um conjunto de pessoas ao qual ainda não se pode dar a designação de equipas”.<sup>5</sup>

Todos os grupos sociais dispõem de meios que os sustentem. Sem esses mecanismos, os grupos sociais não existiriam, seria uma anarquia geral. O primeiro mecanismo de sustentação é a liderança, que consiste na capacidade de alguém chefiar, comandar ou orientar outros indivíduos. O homem mostrou ao longo da história a importância que a liderança tem sobre os grupos sociais, já que desde a pré-história já existiam líderes. As ações que auxiliam o grupo a realizar os seus objetivos são funções de liderança. Para identificar a liderança dentro desta perspetiva é necessário considerar: 1) os valores do grupo em determinado movimento; 2) A adequação das funções para realizar os objetivos; e 3) Ações dos membros que contribuem para o facto.

---

<sup>5</sup> <http://www.sol.sapo.pt>, (visualizado a 15-11-07)

A liderança é vista como um ato ou conjunto de atos que qualquer pessoa pode apresentar em diferentes graus e não algo que se tem ou não. Assim, qualquer membro pode ser um líder, pois é capaz de realizar ações que estão ao serviço de uma função do grupo.

Todos nós pertencemos a vários grupos (grupo familiar, grupo escolar, grupo de amigos, grupo desportivo, grupo político, etc.) cada grupo diferente a que pertencemos define uma função social em que queremos participar. A literatura sociológica distingue os grupos em primários e secundários. Primários, quando o relacionamento entre os membros se faz de forma íntima e informal, surgindo na maior parte das vezes de forma espontânea. Nestes grupos há uma identificação dos indivíduos com os valores dominantes, sendo o caso do grupo familiar ou do grupo de amigos. Secundários, quando o relacionamento é mais formal e distante, os laços afetivos são inexistentes, é uma coletividade mais ampla e menos espontânea do que o grupo primário.

**Os papéis sociais** definem-se como “ um conjunto de deveres, direitos e funções inerentes a todo o indivíduo que, numa sociedade ou num grupo a que pertence, são conforme a posição que ocupa (...) Cada pessoa exerce vários papéis, relacionados entre si e dependentes da sua personalidade, pelo fato de pertencer a diversas coletividades” (Dicionário de Sociologia).

Os papéis sociais apresentam dois aspetos podem ser de cariz afetivo e/ou funcional ou, podem possuir um cariz imaginário e ou teatral. Os atores interpretam o mesmo papel, mas de formas diferentes. No basquetebol, por exemplo, um jogador poder interpretar diferentes papéis, poder ser capitão de equipa, defesa, central etc. Quando os indivíduos não conseguem lidar com as obrigações relativas aos papéis que desempenham, surge o conflito. O conflito entre papéis acontece, quer quando os papéis chocam dentro de um único papel, quer quando são resultado de imposições conflituais impostas por diferentes papéis.

O desenvolvimento da equipa é o processo que tem por finalidade a criação de um grupo. O processo de formação decorre durante um vasto período de tempo, no qual a equipa se desenvolve. É um processo interativo, dinâmico e complexo, pois depende de diversas variáveis, a começar pelas pessoas envolvidas, pelos relacionamentos interpessoais que se vão gerando, pela missão e finalidade para que o grupo/equipa foi constituído.

## **2.2. Políticas de Integração**

### **2.2.1. Modelos de Integração face à Imigração**

Sendo a migração um processo social complexo e dinâmico, há que encarar no processo de tomada de decisão, a influência das estruturas das sociedades de origem, as circunstâncias históricas e as redes estabelecidas com outros migrantes já estabelecidos nas sociedades de acolhimento.

Na década de 90 iniciou-se uma crescente preocupação com a regulação legislativa relativa a imigrantes residentes no país de acolhimento. Estes imigrantes foram considerados pela Convenção de Schengen como estrangeiros originários de um país não comunitário, diferenciando os que pretendem residir na União Europeia por um curto período de tempo e, os que pretendem residir prolongadamente. A Convenção de Schengen foi assinada a 14 de junho de 1985 pelos países da União Europeia, exceto pela Irlanda e Reino Unido e, resume-se a “um instrumento de coordenação, visando assegurar a livre circulação das pessoas no interior das fronteiras comuns e a harmonização das políticas de imigração e de controlo de fronteiras” (Ferreira e Rato, 2004: 40).

A Convenção permitiu ainda definir o termo estrangeiro como qualquer pessoa que não seja de um país comunitário. A 2 de outubro de 1997 a Convenção de Schengen foi substituída pelo Tratado de Amesterdão que pretendia criar uma União cada vez mais estreita entre os povos da Europa e, que as decisões passariam, dentro do possível, a ser tomadas em prol da proximidade dos cidadãos. O Tratado de Amesterdão entrou em vigor a 1 de maio de 1999 e, concretizou políticas relativas a Vistos, Asilo Político e outras Políticas referentes à Livre Circulação de Pessoas nos Estados da União Europeia.

Segundo Ferreira e Rato (2004: 43), “Nos termos do Tratado da Comunidade Europeia a política de imigração continua a ser matérias regulamentadas pelos Estados-Membros, não estando previsto qualquer prazo para a sua uniformização”. No século XX tornou-se fundamental substituir os fatores económicos da imigração, por políticas de imigração nos países de acolhimento. Uma das maiores dificuldades dos decisores políticos deveu-se ao fato de terem em conta os fatores puramente económicos na elaboração das políticas de imigração.

Os decisores políticos consideram que, por um lado os Governos acolhem bem os imigrantes, por serem mão de obra que permitirá ultrapassar a deficiência de trabalhadores em determinadas áreas do conhecimento e por outro lado, pretendem diminuir os fluxos migratórios por considerarem que

destabilizam a balança social e económica. Os Governos justificam a diminuição dos fluxos migratórios pela quebra na identidade e soberania nacional. O crescente aumento dos fluxos migratórios criou nos países de origem um crescente aumento do envelhecimento demográfico, o que altera a estabilidade do mercado de trabalho e do sistema da Segurança Social.

Os fluxos migratórios e a globalização estão inteiramente interligados, uma vez que, a globalização é o processo de integração e interação de pessoas, empresas e governos de diferentes países. Este fenómeno de integração surge pela necessidade do capitalismo conquistar novos mercados em diferentes domínios económicos, políticos, sociais, culturais e ambientais. A política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal é orientada por sete princípios chave que influenciam o desenvolvimento de ações e programas em prol das comunidades imigrantes:<sup>6</sup>

**1. Igualdade** de deveres e direitos entre cidadãos nacionais e estrangeiros residentes em Portugal. A igualdade apenas pode ser quebrada quando se fala em direitos políticos, como por exemplo: “salvo o acesso aos cargos de Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro, Presidentes dos tribunais supremos e o serviço nas Forças Armadas e na carreira diplomática”.<sup>7</sup>

O desrespeito pelos direitos e deveres de estrangeiros residentes em território nacional é considerado discriminação e punido pela Constituição Portuguesa. Segundo o Artigo 13.º da Constituição Portuguesa, todos os cidadãos têm a mesma dignidade e são iguais perante a lei e, “ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual” (Artigo 13.º Princípio da Igualdade).<sup>8</sup> Assim sendo, da política da Integração e Acolhimento de cidadãos estrangeiros fazem parte os direitos ao acesso igual ao trabalho, à saúde, à educação, à segurança social, à justiça e a outras áreas setoriais. Fazem ainda parte do conjunto de direitos e deveres, o respeito pela Lei, a participação cívica ou o pagamento de impostos.

Estes princípios da igualdade de tratamento estão assentes numa vasta legislação nacional e comunitária regulada pela Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR).

---

6 ACIME – Alto-Comissariado para os Assuntos da Imigração e Minorias Étnicas. [http://www.acidi.gov.pt/\\_cf/4321](http://www.acidi.gov.pt/_cf/4321) - visualizado a 20.02.2012

7 Constituição da República Portuguesa, Artigo 15.º Estrangeiros, apátridas, cidadãos europeus. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> - visualizado 28.02.2012

8 Constituição da República Portuguesa, Artigo 13.º. Princípio da Igualdade. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> - visualizado 28.02.2012

2. **Hospitalidade** é uma prática fundamental, quando os princípios de igualdade não são suficientes. Para que tal aconteça, é necessário desenvolver programas e ações que permitam acolher bem os cidadãos imigrantes, principalmente dos recém-chegados. Nos programas e ações desenvolvidas para os imigrantes destacamos o programa realizado pelo Sistema Nacional de Apoio ao Imigrante, onde se desenvolvem iniciativas como os CNAI – Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante. Destas iniciativas fazem parte as instituições públicas e os gabinetes públicos de apoio ao imigrante.

Nos Açores, mais propriamente na Ilha de São Miguel, existe uma Cooperativa Regional de Economia Solidária – Cresaçor – que criou a valência do Centro Comunitário de Apoio ao Imigrante – CCAI – para apoiar a integração dos imigrantes residentes na ilha de São Miguel em situação regular e irregular. Das várias ações desenvolvidas pelo CCAI destacamos o apoio económico para a subsistência e alojamento a cidadãos estrangeiros em situação de precariedade económica e social, o programa de explicações de matemática e física para estudantes imigrantes, o curso de alfabetização e de iniciação à Língua Portuguesa, bem como apoio para a integração na sociedade de acolhimento. É de sublinhar ainda que a Direção Regional das Comunidades é a financiadora dos projetos e programas desenvolvidos em prol das comunidades imigrantes. Desses programas também se inclui, o programa de bolsas de estudo para os estudantes imigrantes e apoio jurídico para auxiliar os imigrantes em situação irregular, de forma a garantir a dignidade da pessoa humana que atravessa situações inesperadas no país de acolhimento. Para que as políticas de integração de cidadãos imigrantes, principalmente dos cidadãos irregulares se efetive, é fundamental que haja uma consolidação entre os cuidados básicos de saúde, o acolhimento temporário, para evitar situações de imigrantes sem abrigo, e o apoio do retorno voluntário ao país de origem. Estas políticas procuram elucidar os imigrantes que por desconhecimento chegam a uma situação irregular e, por consequência, a uma situação de exclusão social.

3. **Cidadania** é uma consequência do exercício da Igualdade. Todo o cidadão imigrante é um cidadão de pleno direito e como tal, tem direito a uma participação ativa na sociedade de acolhimento. O acesso máximo à cidadania está na aquisição da nacionalidade portuguesa. Este processo tornou-se mais fácil de adquirir devido à alteração da Lei da Nacionalidade, com especial destaque para os descendentes de imigrantes residentes em território português.

4/5. O princípio da **Corresponsabilidade e Participação** está na base da construção de uma sociedade inclusiva e, para que tal aconteça, é necessário que exista respeito pelo princípio da participação cultural e política de todos os cidadãos independentemente de ser nacional ou imigrante. Todos os imigrantes devem ambicionar essa participação, como também a sociedade deve estar aberta

à participação cultural e política dos imigrantes. Assim, é esperado que o imigrante assimile a nova cultura e seja corresponsável de forma a contribuir para a solução dos problemas existentes em torno da integração de imigrantes na sociedade portuguesa.

6. A **Interculturalidade** é um princípio cada vez mais presente na sociedade portuguesa devido à diversidade de nacionalidades, línguas e hábitos culturais. O modelo intercultural pertencente às políticas de imigração propõe não só aceitar o “outro”, mas também aceitar o “outro” e torná-lo parte integrante da sociedade.

7. O princípio do **Consenso** é o último pilar da construção da política de imigração em Portugal. Este princípio só poderá ser aplicado quando houver um constante diálogo e negociação em torno das questões políticas e sociais ligadas à imigração. O Consenso permite afastar a política da imigração de argumentos anti-imigração, como acontece em alguns países europeus e em Portugal em alguns partidos políticos. Nas sociedades democráticas, para que haja consenso é necessário sensibilizar a opinião pública para o acolhimento de imigrantes, desmistificar os estereótipos e os preconceitos pré-concebidos e sem fundamento.

As políticas de integração e de cooperação para o desenvolvimento atualmente existentes na União Europeia são da responsabilidade de cada país membro da União Europeia e como tal, tem-se caracterizado por medidas restritivas à entrada de imigrantes, privilegiando os imigrantes mais qualificados.

### **2.3. Tipologia dos atletas migrantes**

A e/imigração é encarada como uma decisão coletiva que se enquadra numa estratégia que procura sustentar e melhorar a situação financeira da família, através da maximização dos rendimentos e minimização do risco de partida para um local desconhecido, onde não há certezas de sucesso e de concretizar os objetivos inicialmente projetados.

Segundo Kalarova e Peixoto (2009) as migrações podem ser tipificadas, uma vez que descrevem alguns movimentos de longa duração e a transformação das migrações temporárias em permanentes. Por sua vez, Appleyard (1991: 29-30) considera que as migrações estão tipificadas segundo seis segmentos:

- **Migrantes permanentes:** “Indivíduos que obtêm estatuto legal no país de destino e cujo objetivo é a fixação definitiva. Na Europa, a partir dos anos 70, as migrações permanentes em sentido estrito praticamente cessaram”.
- **Trabalhadores temporários contratados:** “Trabalhadores pouco qualificados, semiquualificados ou qualificados cujo objetivo inicial é permanecer no país de destino por um período limitado de poucos anos. Alguns transformam-se em migrantes permanentes”.
- **Profissionais qualificados, em circulação temporária:** “Profissionais qualificados que se movem internacionalmente, muitas vezes integrados em empresas transnacionais”.
- **Trabalhadores clandestinos ou ilegais:** “O seu número não é contabilizável, mas no entender do autor, chegava aos 30 milhões em todo o mundo no início dos anos 90. Toda a Europa é destino destes imigrantes: a Europa Ocidental preferencialmente, mas cada vez mais os países da Europa do Sul, Central e de Leste”.
- **Indivíduos em busca de asilo político:** “Segundo Appleyard, chegavam a um milhão no início dos anos 90. Os países destinatários são principalmente da Europa Ocidental devido à escassez de alternativas de entrada e aos problemas políticos dos finais dos anos 80, como por exemplo as perturbações ocorridas na Europa do Leste e na ex-Jugoslávia, em particular. É importante mencionar a ligação entre os motivos ‘políticos’ e ‘económicos’ que levaram à criação de legislação mais restritiva do direito de asilo”.
- **Refugiados:** “Os seus motivos de migração são diversos, desde catástrofes naturais até conflitos políticos e étnicos. O seu número cresceu significativamente na Europa Ocidental, durante os anos 90 e a sua origem é predominantemente africana e também ex-jugoslava”.

As migrações globais dos atletas tem aumentando numa multiplicidade de contextos desportivos e sociais. Na última década assistiu-se a uma quase triplicação do número de atletas internacionais que vêm dos Estados Unidos para fins de participação desportiva. Segundo Houlihan (2008), a globalização tornou-se num dos conceitos de pesquisa mais importantes no estudo desportivo, devido à facilidade de mobilidade de atletas estrangeiros entre os vários clubes mundiais. Já McGovern (2002) define a globalização como a migração internacional de pessoas.

No contexto geral da globalização e dos movimentos humanos, tem sido crescente a internacionalização no que diz respeito aos atletas envolvidos em muitas ligas desportivas por todo o mundo. A propensão para a crescente internacionalização também tem ocorrido ao nível do desporto

Europeu. Em alguns desportos e clubes, o número de atletas estrangeiros é superior aos atletas nacionais. Esta diferença de atletas gera em alguns clubes discriminação entre atletas.

De forma, a compreender o fenómeno da imigração de atletas estrangeiros, Maguire (1999) desenvolveu uma tipologia de análise através de entrevistas com os atletas em desportos como futebol, basquetebol, cricket e rugby, incluindo as categorias de mercenários, os cosmopolitas nômades, os colonos, os repatriados, os exilados e expulsos, os ambicionistas e os pioneiros.

**Mercenários:** Magee e Sugden (2002: 429) descrevem o mercenário como “quem é motivado, acima de tudo, pela capacidade de ganho” e que migra por razões de recompensa económica. Maguire (1999: 105) emprega uma definição semelhante, acrescentando que mercenários são muitas vezes motivados por “ganhos de curto prazo”.

**Cosmopolitas nômadas:** Magee e Sugden (2002: 432) consideram que nos nômadas cosmopolitas estão incluídos os indivíduos que estão “motivados por um desejo de experimentar diferentes nações e culturas “. Por sua vez, Maguire (1999: 105) descreve Nômadas como os que estão motivados para abraçar a experiência da migração. Esses atletas embarcam numa missão na qual procuram arrecadar uma nova experiência pessoal e profissional.

**Colonos:** Magee e Sugden (2002) descrevem o colono como alguém que se mudou para futebol inglês e permaneceu em Inglaterra por um período superior a quatro ou cinco estações. Maguire (1999) descreve os colonos como os migrantes desportistas que acabam por ficar a residir na sociedade de acolhimento.

**Repatriados:** Maguire (1999: 106) considera que, “alguns cosmopolitas, juntamente com os pioneiros, mercenários e, até mesmo a longo prazo os colonos, agiram como "retornados" no processo global. O atração da ‘terra natal’ pode revelar-se demasiado forte”.

**Exilado e Expulso:** Magee e Sugden (2002: 432) descrevem o exilado como “alguém que, por razões relacionadas com o futebol, pessoais ou políticas (quer voluntariamente ou por meio de ameaças internas à sua carreira, sua liberdade ou sua vida), opta por deixar seu país de origem para jogar no exterior “, enquanto que o expulso é aquele que é “forçado” a deixar o seu país de origem.

**Ambicionista:** Magee e Sugden (2002) descrevem três dimensões do ambicionista categoria: (a) o desejo de alcançar uma carreira desportiva em qualquer lugar, (b) a preferência por jogar no local certo, em comparação com outros lugares, e (c) o desejo de melhorar a sua carreira mudando-se para uma liga de alta qualidade. Em resposta à tipologia de Magee e Sugden, Maguire (2004) observou

que, apesar de ele e os colegas terem definido a ambição de jogar a um nível mais elevado como um fator fundamental para explicar a migração, eles acreditavam que tal ambição transcendeu várias das categorias, em vez de compreender uma categoria própria.

**Pioneiros:** Maguire (1999: 105) descreve pioneiros como indivíduos que possuem uma fé religiosa nas suas capacidades desportivas. Além disso, as palavras e ações dos pioneiros podem ser vistos como uma forma de sectarismo, pelo qual eles procuram converter os nativos ao seu *habitus* corpo e à cultura desportiva.

Estas tipologias não são rígidas, elas sobrepõem-se e juntas dão origem a diferentes combinações, podendo ser modificadas conforme a experiência vivida pelos atletas imigrantes. Como Maguire (2004: 480) explica, “as tipologias são representações tipo ideal do mundo real” e considera que não seria correto ver as suas categorias como exclusivas e fixas. É neste sentido que procuramos compreender as múltiplas dimensões da motivação que leva os atletas a sair dos seus países de origem para competirem em clubes/países desconhecidos.

Estas tipologias marcam a amplitude variável e intensa dos movimentos e experiências associadas ao desporto dos atletas migrantes. De acordo com Maguire e Pearton (2000), a migração é moldada pela interação dos direitos económicos, políticos, históricos, geográficos, sociais e culturais. A migração de atletas assemelha-se à migração de trabalhadores profissionais porque ambas incluem questões ligadas aos direitos trabalhistas, ao recrutamento e à integração cultural e profissional. A migração desportiva caracteriza-se por ser uma imigração qualificada onde, na base da contratação está a certificação e o reconhecimento pela prática desportiva.

Segundo a tipologia de análise criada por Joseph Maguire (1999), podemos caracterizar os atletas estrangeiros residentes na Ilha Terceira como sendo “mercenários” e “ambicionistas”. Os “mercenários” por ser uma imigração atraída por razões económicas, isto é os/as atletas assinam um contrato de trabalho onde está presente a duração da atividade desportiva e as compensações monetárias para o desempenho da atividade. Os “ambicionistas” são os/as que desejam alcançar uma carreira desportiva reconhecida. Os/as atletas contratados pelos clubes da Ilha Terceira ambicionam jogar em ligas Internacionais ou em Clubes Portugueses com maior visibilidade.

## Capítulo III – Metodologia

### 3.1. Apresentação da metodologia de trabalho

Desenvolveremos, neste terceiro capítulo, algumas abordagens que, no nosso entender, melhor se enquadram ao fluxo imigratório que iremos analisar.

De acordo com Ferreira de Almeida, falar de metodologia da pesquisa empírica é falar dos processos e dos instrumentos de trabalho, dos procedimentos teóricos à implementação dos dispositivos técnicos a que recorrem os sociólogos para conhecer e dar a conhecer a realidade social (Almeida, 1994: 193). Tendo em conta os objetivos a que nos propomos, coloca-se **a nossa questão de partida**: “Quais as razões que levam os Clubes de Basquetebol da Ilha Terceira a contratar atletas de diferentes nacionalidades?”.

Todo o estudo de investigação se estrutura em torno de uma ou mais hipóteses.

“A hipótese fornece à investigação um fio condutor particularmente eficaz que, a partir do momento em que ela é formulada, substitui, nessa função, a questão de partida, mesmo que esta deva permanecer presente na nossa mente” (Quivy & Campenhoudt, 2003: 119-120).

Relembrando as quatro hipóteses formuladas para a nossa questão de partida (“Quais as razões e intenções que levam estas atletas a optarem por jogar nos Clubes de Basquetebol da Ilha Terceira? Que condições oferecem os clubes terceirenses? Que planos de integração existem para estes atletas? Que dificuldades sentem na adaptação/integração aos clubes e à sociedade em geral?) recorre-se aos seguintes métodos de forma a poder responder a estas questões.

O nosso universo de estudo é constituído pelos estrangeiros desportistas residentes na Ilha Terceira, situada no Arquipélago dos Açores. É de referir que os desportistas estrangeiros aqui referidos fazem parte da modalidade desportiva basquetebol profissional. De modo a garantir a representação da diversidade social que caracteriza a comunidade de atletas estrangeiros e, assegurar a utilização de critérios de seleção objetivos, optamos por utilizar a amostra aleatória. A escolha da amostra aleatória deveu-se à pouca adesão dos atletas imigrantes e dos clubes à investigação.

Todos os entrevistados estavam inscritos na Federação Portuguesa de Basquetebol e representavam os clubes nos torneios regionais e nacionais do basquetebol profissional – LPB, Proliga e Liga

Feminina. Os participantes vieram de uma série de países incluindo América, Angola, Brasil, Cabo-Verde, Inglaterra e Sérvia.

### **3.2. Limitações do estudo**

No desenrolar da nossa investigação, tivemos em conta as seguintes limitações:

- As questões linguísticas dos/as atletas que poderiam vir a ser um obstáculo à realização das entrevistas – considerando que haveria atletas que só dominariam a sua língua materna, tornando-se necessário recorrer a um tradutor.
- A inexistência de dados desportivos informatizados – as instituições governamentais ligadas ao desporto não registam o número de atletas estrangeiros a praticar as diferentes modalidades desportivas. É fundamental que os clubes sensibilizem os atletas estrangeiros para a alteração dos seus dados pessoais (morada, entidade patronal, contacto telefónico) no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, de forma a que os dados informatizados neste organismo público coincidam com os da realidade.
- A escassa literatura em português sobre a problemática em investigação – em Portugal regista-se um reduzido interesse sociológico pelos assuntos desportivos. Os estudos sociológicos existentes em Portugal têm centrado atenções no futebol e nos atletas/treinadores que atingiram reconhecimento internacional/mundial.
- O curto período de tempo em que decorre a investigação – tomando em consideração a calendarização das diferentes etapas deste trabalho, optou-se por um período de dois meses e meio para a realização do trabalho de campo associado a este estudo.

### **3.3. Instrumentos de recolha de dados**

Como pretendemos que esta problemática seja estudada qualitativamente, utilizamos a técnica mais adequada, a entrevista semiestruturada com questões abertas e fechadas, por esta permitir a “aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes

processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy and Campenhoudt, 2008: 191-192).

De acordo com Quivy and Campenhoudt (2008), as entrevistas semiestruturadas, apesar do guião elaborado pelo entrevistador, permitem que o entrevistado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas segundo a direção que considere adequada, explorando, de uma forma flexível e aprofundada, os aspetos que considere mais relevantes. Contudo, o questionário elaborado continha também uma série de questões fechadas formuladas para obter informações mais concretas sobre o entrevistado.

As entrevistas foram aplicadas na Ilha Terceira no período de 3 de fevereiro de 2012 a 15 de abril de 2012.

Este estudo é baseado em entrevistas a 13 atletas (8 masculinos e 5 femininos) que migraram para a Ilha Terceira, nos Açores, a fim de praticarem basquetebol profissional nos Clubes Angrabasket, Boaviagem, Lusitânia e Terceira Basket. As entrevistas foram aplicadas em português e inglês. As entrevistas em inglês foram posteriormente traduzidas para português de forma a facilitar a análise do seu conteúdo.

As entrevistas variaram em duração de aproximadamente 30 a 60 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas em sistema áudio e posteriormente transcritas na íntegra para um documento Word. Elaboramos a nossa entrevista aos atletas estrangeiros por intermédio de um guião de entrevista formado por dez conjuntos de questões. O primeiro conjunto correspondia à caracterização sociodemográfica do grupo em estudo, de onde constavam informações como: idade, sexo, nacionalidade, escolaridade e estado civil.

No segundo grupo de questões pretendíamos compreender as questões da mobilidade e recrutamento/seleção, nomeadamente: Como apareceu a oportunidade de trabalhar na Ilha Terceira? Quando surgiu a oportunidade de vir para a Ilha Terceira, como reagiu? Como encarou a possibilidade - hesitou ou não? Quais as condições de remuneração que o Clube lhe ofereceu: salário fixo, salário fixo mais prémios por jogo, salário fixo mais alojamento/alimentação? Sente-se realizado na sua profissão? Considera o seu salário adequado à função que exerce? Considera que o seu salário está ao mesmo nível do salário dos/as atletas não-migrantes? Que tipo de contrato tem neste momento: contrato permanente, contrato temporário, outro?

O terceiro grupo centrou-se sobre as questões de estadia em Portugal, sendo elas: Há quanto tempo está em Portugal e há quanto tempo trabalha na Ilha Terceira? Veio para a Ilha Terceira com visto de turista ou visto para trabalhar? Veio para a Ilha Terceira acompanhado por quem?

No quarto conjunto colocámos questões relacionadas com a família e o reagrupamento familiar onde procuramos saber o seguinte: Tem família em Portugal? Pretende trazer algum membro da sua família para a Ilha Terceira e já reuniu condições suficientes para isso? Pretende constituir família em Portugal?

Os benefícios sociais como a saúde e a segurança social fizeram parte do quinto grupo de perguntas, nomeadamente: Está inscrito na Segurança Social? Faz descontos para a Segurança Social Portuguesa? Já precisou de usar o sistema de saúde português – porquê?

A escolaridade e a língua constituíram o sexto grupo de questões: Ingressou no sistema de Ensino Português para aprender a Língua Portuguesa? Qual é o seu nível de fluência da Língua Portuguesa - muito bom, suficientemente bom, mais ou menos, não consigo falar português; Pretende continuar estudos em Portugal?

O sétimo grupo foi constituído pela temática da integração: Quais foram as principais dificuldades que sentiram quando chegaram à Ilha Terceira? Quem os ajudou a ultrapassá-las? Já tinha experiência em trabalhar fora do seu país? O seu grupo de amigos é constituído só por colegas de trabalho? O que pensa do povo Terceirense? Está satisfeito com a sua vinda para a Ilha Terceira? Pensa regressar ao seu país, ou emigrar para outro país? Qual? Participa em alguma atividade social ou comunitária na Ilha Terceira?

O oitavo conjunto de perguntas pretendia compreender as questões do alojamento e habitação tais como: foi o seu clube que lhe arranjou casa/quarto para morar; a casa é partilhada por outros/as atletas estrangeiros; quem se responsabiliza pelo pagamento das despesas da casa (renda, água, luz, gás, internet, etc.).

No nono conjunto de questões procuramos conhecer o papel do clube através de: o seu clube ajudou-o/a com a regularização de documentos, com a aprendizagem a Língua Portuguesa, com a integração no sistema de ensino português; desempenhou também a função de treinador dos escalões de formação; recomendaria o seu clube a outros atletas estrangeiros.

Por último, questionamos os atletas sobre o futuro da profissão com as seguintes perguntas: pretende continuar a jogar basquetebol na Liga Portuguesa (se não porquê), o que tenciona fazer depois de terminar a carreira de basquetebolista profissional.

De forma, a melhor clarificar o problema em questão tivemos o privilégio de entrevistar três treinadores de nacionalidade portuguesa que residem e trabalham na Ilha Terceira.<sup>9</sup> Nas entrevistas aos treinadores seguimos o mesmo método de recolha de informação. O guião de entrevistas assentou em questões sobre a contratação de atletas estrangeiros, a intervenção do clube na integração pessoal e familiar dos/as atletas e a integração de imigrantes em Portugal.

No processo de análise, foram utilizadas técnicas que envolveram a indução analítica e a análise comparativa (Strauss and Corbin, 1998) de forma a encontrar temas comuns presentes nas respostas dos participantes.

---

<sup>9</sup> Segundo Quivy e Campenhoudt (2008: 71) as testemunhas privilegiadas: “trata-se de pessoas que, pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhe exteriores, mas muito relacionadas com esse público”.

## Capítulo IV - Caracterização do grupo de estudo

### 4.1. Perfil sócio-demográfico

#### 4.1.1. Idade e Sexo

A idade e o sexo são variáveis fundamentais para a elaboração do perfil sociodemográfico de um grupo populacional.

“A idade configura o ponto de partida de uma percepção mais aprofundada das vantagens da imigração, tanto no que respeita ao rejuvenescimento populacional, como ao dinamismo económico e à diversidade cultural, sabendo-se que são as pessoas mais novas e ativas as que têm maior propensão à saída” (Rocha *et al.*, 2009: 44).

À semelhança do que acontece com o basquetebol americano (Daniel, 1939: 290-308; Pourcher, 1964; Buechler, 1987), também na Ilha Terceira os atletas migrantes pertencem aos grupos mais jovens e em idade laboral, com predominância para o grupo etário dos 20-24 com 6% dos atletas, dos 25-29 anos 6% e dos 30-34 anos 1% dos atletas estrangeiros. As faixas etárias dos 30-34 anos e 35-39 anos registaram apenas 1% dos atletas estrangeiros, uma vez que este grupo é por norma constituído apenas por atletas regionais.

No basquetebol açoriano tem-se registado uma elevada feminização das migrações. Apesar das mulheres terem representado, desde sempre, uma larga proporção dos migrantes internacionais, a sua percentagem no desporto tem vindo a crescer gradualmente.

Contudo, apesar da crescente feminização das migrações, são os clubes masculinos que continuam a registar um elevado número de contratações estrangeiras. Dos atletas entrevistados oito são do sexo masculino. Esta diferença significativa justifica-se pela existência na Ilha Terceira de apenas um clube feminino de alta competição. O clube feminino tem registado um número significativo de atletas estrangeiras nos últimos anos, muito devido à constante presença na liga profissional. Caso contrário, as possibilidades financeiras para contratar atletas estrangeiras seriam muito inferiores.

### **4.1.2. Estado Civil**

Rocha *et al.*, (2004: 81) esclarecem “que de algum modo associado à variável idade, o estado civil pode ser igualmente um indicador de diferenciação dos imigrantes e do fluxo migratório, indiciando aspetos fundamentais da sua vivência quotidiana no país de acolhimento e da possibilidade de nele se vir a fixar”. Dos atletas imigrantes residentes temporariamente na Ilha Terceira, dez pertencem à categoria de solteiro. Este número justifica-se pela idade dos atletas e pela disponibilidade que devem ter para constantes deslocações e alterações de clubes. A idade justifica também o facto de a maioria dos entrevistados não pretenderem constituir família nos próximos tempos, devido à incerteza da sua situação profissional.

### **4.1.3. Níveis de Instrução**

Rocha *et al.*, (2009: 49) referem que “sendo a motivação de carácter económico um dos determinantes fundamentais da mobilidade, a sua justificação encontra-se consubstanciada no exercício de uma atividade laboral. Esta apresenta-se intimamente associada não só à estrutura do mercado de trabalho do país de acolhimento, mas também à adequação da população imigrante às diferentes profissões e esta, por sua vez, depende dos seus níveis de educação formal e informal”.

Os níveis profissionais e educacionais da população ativa são indicadores de desenvolvimento humano e da capacidade competitiva (Aníbal Pires, 2009: 99). Assim, “um maior ou menor grau de conhecimento e competências profissionais associadas ao nível de habilitação propiciam, ou podem propiciar, facilidades distintas de integração no mercado laboral da sociedade de acolhimento” (Rocha *et al.*, 2004: 84).

Existem obstáculos que podem prejudicar a plena integração dos imigrantes no mercado de trabalho, nos países de acolhimento. De acordo com o modelo neoclássico, o sucesso económico dos imigrantes – medido pelos seus rendimentos médios - é determinado pelo grau de instrução, pela experiência laboral e por outros elementos constituintes do capital humano que trazem consigo, depois de descontada a proveniência estrangeira destas competências (Portes, 1999: 28).

No caso dos atletas estrangeiros inscritos nos clubes de basquetebol da Ilha Terceira, dez atletas têm o ensino superior e três o ensino secundário. Os/as atletas com o ensino superior são oriundos das ligas universitárias dos Estados Unidos da América, onde o sistema escolar tem muito impacto na carreira

profissional dos atletas. Na Europa de Leste já se começa a registar alguns casos de carreiras desportivas ligadas à carreira universitária.

## 4.2. Percurso Migratório

Os movimentos migratórios internacionais desempenham múltiplas influências nos países, interferindo na configuração da população, na estrutura da economia, na composição da sociedade, na interação cultural, etc. Estes movimentos concretizam-se por meio de fluxos que se explicam por diversas razões entre as quais, a pobreza, crises económicas, instabilidades políticas, catástrofes naturais, conflitos sociais, perseguições diversas e guerras (Silva, 2005: 111).

O movimento migratório, implica a existência de dois espaços, o de origem e o de chegada. Neste nosso estudo focalizamo-nos principalmente na chegada, uma vez que, pretendemos compreender todo o processo de integração na sociedade terceirense. Nas palavras de Malheiros (2011: 92): “A diversidade de circunstâncias e motivos que estão na base dos fluxos migratórios, têm muito a ver com o contexto social, económico e político dos espaços envolvidos no processo, e constitui uma dimensão de análise importante na inserção dos imigrantes num novo espaço”.<sup>10</sup>

Segundo o gráfico III os colégios americanos são os principais exportadores de basquetebolistas profissionais para a Europa. Pelo facto de só existir um clube de basquetebol profissional feminino na Ilha Terceira, facilmente se compreende que os atletas contratados são maioritariamente do sexo masculino.

### **Gráfico III – Basquetebolistas imigrantes entrevistados segundo o país de origem**

Durante as entrevistas questionámos os/as atletas sobre “se tinham experiência em jogar fora do seu país de origem”, e dos treze atletas entrevistados, oito responderam que não tinham experiência no estrangeiro.

No caso dos atletas oriundos do continente africano, a imigração desportiva assemelha-se a outros tipos de imigração. Este grupo de imigrantes procura não só desenvolver a modalidade desportiva, ganhar reconhecimento, como também residir em território nacional. Durante a aplicação das

---

<sup>10</sup> Diagnóstico da população imigrante no concelho de Ponta Delgada: Desafios e Potencialidades para o Desenvolvimento Local. ACIDI, Lisboa, 2011.

entrevistas houve, um atleta angolano que referiu que o sonho de qualquer basquetebolista angolano é o de representar os clubes portugueses não só pela diversidade de ligas, mas também pelo reconhecimento que o basquetebol português tem no estrangeiro.

### **4.3. Trabalho e condições de vida na Ilha Terceira**

A integração dos imigrantes no mercado de trabalho e nos países de acolhimento, é um dos aspetos mais enfatizados nas recentes investigações sobre as migrações internacionais (Sales, 1992: 55).

No caso específico de Portugal, João Peixoto (2008: 20) esclarece que o estudo da relação entre imigração e mercado de trabalho apresenta grande centralidade. Segundo o mesmo, por vezes o estudo da vertente laboral da imigração confunde-se com o da própria imigração. Isto, porque segundo Pires *et al.*, (2010: 70), “a grande maioria dos que migram internacionalmente para Portugal fá-lo para trabalhar. Por isso, as taxas de atividade dos imigrantes são sempre mais altas do que as dos autóctones e há entre eles menos domésticas, menos reformados e menos crianças e jovens”. O mesmo acontece com os fluxos migratórios de entrada nos Açores. Ferreira (2009: 94) sublinha que “desde o seu início que os novos fluxos migratórios para os Açores se definem como um tipo de imigração maioritariamente laboral”.

A migração desportiva também se enquadra nestes novos fluxos migratórios para os Açores. Considera-se ser uma migração recente muito devido ao facto do SEF só ter registo de pedidos de autorização de residência para trabalho subordinado desportivo, a partir do ano 2004. Contudo, pelos registos dos clubes da Ilha Terceira verificamos que essa imigração já acontece desde a década de 80 do século XX. A imigração foi variando em número e em países, sendo que os Estado Unidos da América representam mais de metade das contratações de atletas.

Na pesquisa realizada junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Ponta Delgada identificámos os países com maior representatividade de atletas migrantes na Ilha Terceira desde 2003 até 2012. Os países são: ex-Jugoslávia, Estado Unidos da América, Macedónia, Guiné-Bissau, Brasil, Angola, Cabo Verde, Sérvia e Inglaterra.

Na fase de recolha de informações questionámos os/as atletas sobre se “estavam satisfeitos com a vinda para a Ilha Terceira” e todos/as atletas responderam que estavam satisfeitos, apesar de na

questão sobre quais as principais dificuldades que sentiram quando chegaram à Ilha Terceira e quem os ajudou a ultrapassar essas dificuldades, as respostas terem sido variadas. Vemos alguns exemplos:

“Não tive dificuldades de maior. A maior terá sido a insularidade. Não me poder deslocar com a facilidade que provavelmente queria”;

“Ninguém me ajudou. As dificuldades foram as viagens”;

“A integração em um todo no basquetebol, todas as equipas”;

“Por acaso não tive dificuldade quando cheguei e aqui os meus amigos ajudaram-me muito”;

“A língua e a comida. Os outros colegas é que me ajudaram a ultrapassar as dificuldades”;

“A língua, pois não percebo o que os outros dizem”;

“É difícil chegar sozinho a um país com uma língua diferente, mas acostumei-me bem. Já consigo sair sozinho e pedir o que preciso”;

“Não tive problemas com a ilha mas, o clube foi muito importante”;

“Tudo foi fácil, mas é tudo mais pequeno”.

Podemos perceber com este leque de respostas que a questão da língua e da insularidade constituem fatores determinantes para a adaptação e integração dos/as atletas. A integração de atletas imigrantes não se assemelha a outras formas de imigração, nomeadamente a imigração não qualificada, uma vez que, os atletas têm uma grande facilidade de deslocação devido à localização geográfica das equipas que pertencem ao respetivo campeonato. A questão da língua é superada pela organização do próprio clube visto que, durante os treinos e jogos a língua mais utilizada é o inglês.

#### **4.3.1. Situação Habitacional**

Ao falarmos da integração e das condições de vida na Ilha Terceira, torna-se imprescindível falar da questão da habitação. A habitação constitui um eixo essencial para o bem estar do ser humano. Portugal, à semelhança da Espanha e da Grécia, partilham de um modelo de bem estar social rudimentar, o que se traduz num nível reduzido de intervenção pública no domínio da habitação.

De acordo com Arbaci (2002), a oferta de habitação foi sempre dominada pelo setor privado, por isso é que o mercado de arrendamento destes países nunca assumiu um caráter integrado, uma vez que a oferta pública de habitação nunca incorporou uma lógica idêntica à da oferta privada, não competindo, por isso, com esta. A questão da mobilidade residencial, particularmente relevante para os atletas contratados, é também muito significativa entre as populações de imigrantes que, em virtude das suas características, enfrentam igualmente problemas no acesso a uma habitação condigna. Contrariamente às restantes comunidades de imigrantes, os atletas estrangeiros residentes na Ilha Terceira não precisaram de passar pelo processo de arrendamento de uma casa/quarto porque, coube aos clubes arranjar alojamento para os seus atletas. Todos o/as atletas entrevistados responderam que, “foi o clube” para que foram contratados que se responsabilizaram por arranjar casa/quarto para morarem durante o período do contrato de trabalho. Dos treze atletas entrevistados, nove dividem quarto com restantes colegas de profissão. As despesas com a manutenção do quarto/casa são asseguradas pelo clube de acordo, com o estipulado no contrato de trabalho.

#### **4.3.2. Aprendizagem da Língua**

O ser humano caracteriza-se por ter um caráter socializante e por se organizar em sociedade através da criação de relações de interdependência que permitem a sua sobrevivência. Toda e qualquer socialização é feita através da comunicação, verbal ou não verbal. A integração cultural e linguística também faz parte da dinâmica da integração e como tal, dominar a língua do país de acolhimento é uma condição *sine qua non* para uma plena integração. O não conhecimento e domínio da língua pode, por si só, ser fator de exclusão e de inadaptação.

Segundo Baganha *et al.*, (2004: 106):

“O fator determinante na integração social dos migrantes na sociedade de acolhimento é a aquisição de um conjunto de competências sociais e culturais. De entre estas competências, as competências linguísticas assumem uma importância particular, dado que permitem criar e manter formas de relacionamento com a população autóctone e a aquisição de informações sobre oportunidades existentes nas diversas esferas sociais (oportunidades culturais, económicas, etc.). Existe, a este respeito, uma crescente literatura que procura avaliar, sobretudo, a influência das competências linguísticas dos

imigrantes sobre a sua integração socioprofissional e, em particular, sobre o aumento dos seus níveis salariais”.

Portugal, em especial a Ilha Terceira e Ilha de São Miguel, têm desenvolvido diversos esforços para promover a integração dos imigrantes, através do ensino da Língua Portuguesa, do acesso ao desporto de lazer e de outras atividades fulcrais para a sua integração. São exemplos desta prática a Direção Regional das Comunidades e a Secretaria Regional da Educação que aplicam anualmente formações de Língua Portuguesa para estrangeiros.

A questão da língua é fundamental para a integração e pode ser fator não só de exclusão, como também de desconcentração profissional.

Questionámos os/as atletas sobre as questões da língua e da sua aprendizagem através das seguintes perguntas: “ingressou no sistema de ensino para aprender a Língua Portuguesa”, “qual o nível de fluência da Língua Portuguesa” e “pretende continuar os estudos em Portugal”. Relativamente à primeira questão onze dos entrevistados responderam que não ingressaram no sistema de ensino para aprender a Língua Portuguesa. Quanto à segunda questão, seis dos entrevistados responderam que falam fluentemente o português. Os restantes entrevistados falam muito pouco português.

Na terceira e última questão sobre a língua/escolaridade dez atletas responderam que não pretendem continuar estudos em Portugal, enquanto que os restantes três dizem que dependerá das condições profissionais. Durante as observações não participantes verificámos que, independentemente do número de atletas estrangeiros que os clubes tenham, a língua mais utilizada pelos treinadores durante os jogos/treinos é o inglês. O que para alguns pode parecer apenas um pormenor, para nós representa um fator de diferenciação nas questões de integração.

A questão da língua é um fator decisivo para a integração dos imigrantes, uma vez que pode facilitar ou dificultar a integração. Gardner & Lambert (1972: 7): “A aprendizagem da Língua Portuguesa será condicionada pela importância que os sujeitos lhe atribuem, ou seja, quanto mais importância reconhecerem à necessidade de dominarem a língua do país de acolhimento, mais se empenharão na sua aprendizagem e, conseqüentemente, melhor e mais depressa conseguirão atingir uma boa proficiência linguística”.<sup>11</sup> Contudo, é também importante realçar que a integração é um processo de dois sentidos, em que a sociedade acolhedora também tem que fazer a sua parte em aceitar as diferenças etno-culturais.

---

<sup>11</sup> [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Seminario\\_LPIntegracao/4\\_Simposio\\_%20Integrar\\_LP.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Seminario_LPIntegracao/4_Simposio_%20Integrar_LP.pdf) (consultado 25.04.2012)

No basquetebol, a cultura desportiva dos atletas é um fator muito respeitado, uma vez que, através dos conhecimentos do recém-chegado é possível alterar a forma de jogar, de pensar, de agir e de formar os escalões de formação. Grande parte dos/as atletas contratados assumem uma dupla função a nível profissional, a de atleta e a de treinador/formador. Esta multiplicidade de funções permite aos atletas representar diferentes papéis sociais e, contribuir quer para a sua integração, quer para o desenvolvimento técnico e pessoal dos jovens atletas.

### **4.3.3. Situação profissional**

A situação profissional dos atletas estrangeiros contratados para representar os clubes desportivos da Ilha Terceira não pode ser equiparada à restante contratação de imigrantes, uma vez que são contratações temporárias e com objetivos muito específicos – a prática de uma modalidade desportiva subordinada. De acordo com o gráfico IV, 11% dos atletas contratados têm contratos de trabalho temporários.

Os atletas são contratados com base num contrato de trabalho temporário celebrado entre a entidade patronal – o clube e o/a atleta. Os atletas contratados procuram responder às necessidades dos clubes e são contratados de acordo com a disponibilidade financeira dos mesmos. Contudo, é importante referir que nos primeiros três meses de época desportiva os clubes podem substituir os/as atletas contratados.

Era de prever que à semelhança do que acontece com o futebol, os/as atletas fossem contratados por intermédio de um agente desportivo. Contudo, apenas quatro atletas foram contratados por intermédio de um agente desportivo. Os restantes atletas foram contratados após consultarem o site do Eurobasket que disponibiliza informação sobre os clubes das diferentes Ligas Portuguesas e Europeia, após terem representado clubes da Liga Portuguesa e por terem estabelecido amizade com diversos treinadores e atletas dos clubes de basquetebol da Ilha Terceira.

Depois de questionar os/as atletas sobre a forma como foram contratados, decidimos compreender quais as recompensas oferecidas pelos clubes aos atletas contratados. Segundo os entrevistados os clubes oferecem diferentes tipos de compensações mas, regra geral, ao contrato de trabalho temporário está associado um ordenado fixo, alojamento e prémios por jogo. Todos os entrevistados consideram-se realizados com a sua profissão. Porém, procuram mais e melhores oportunidades.

Quando questionados sobre “o seu salário está ao mesmo nível do salário dos/as atletas não-migrantes” a maior parte dos entrevistados considera que sim, apesar de considerarem que em alguns casos existe diferenças significativas.

Durante as entrevistas, questionámos os treinadores sobre quais as regalias oferecidas aos atletas. As respostas foram muito variadas, uma vez que dois dos treinadores entrevistados consideram que não deve haver distinções de tratamento entre os atletas. Contudo, o treinador C não partilha da mesma opinião e, defende que como estes atletas são “uma mais-valia para o clube, devido à sua experiência, conhecimentos, técnicas, táticas e cultura desportiva devem ser compensados”. O mesmo treinador diz-nos que no seu clube os jogadores estrangeiros contratados são premiados com as seguintes regalias:

“Salário correspondente ao número de meses do quadro competitivo; seguro desportivo; descontos legais obrigatórios; casa pronta a habitar com, água, luz, gás e TV cabo pagas; telemóvel; assistência médica; viagem de ida e volta (início e final de época) e em certos casos, viagem de férias no período de interrupção competitiva do natal; cedência de carro; como também regalias contratuais em função de concretização de objetivos desportivos”.

Estas regalias, por vezes difíceis de manter, permitem assegurar a permanência de jogadores de época para época. Contudo como afirma o treinador C:

“Muito dificilmente se consegue manter todos os atletas estrangeiros por mais de duas épocas consecutivas. No entanto, e porque nos últimos quatro anos a oferta de atletas estrangeiros aumentou muito face à procura, a tendência tem sido para uma diminuição da rotatividade. Existem já alguns casos nos Açores e resto do país de atletas que começam a criar raízes no nosso país”.

Esta rotatividade de atletas implica que os clubes tenham uma boa capacidade de negociação e de contratação de atletas estrangeiros. Estas contratações são realizadas pelos treinadores tendo em conta, citando o treinador A:

“Qualidade / preço (...) logo o treinador ao ser informado do orçamento do clube para a época desportiva, tem de decidir quais as áreas a reforçar. No meu caso, tento sempre contratar dois estrangeiros e depois contratar outros jogadores de fora da região, tendo sempre em conta os jogadores residentes, bem como os atletas da nossa formação”.

As contratações dependem dos orçamentos dos clubes e, nos últimos tempos devido à crise global, os clubes têm orçamentos muitos limitados, o que segundo explica o treinador C:

“... leva os treinadores a encontrar jovens atletas estrangeiros, neste caso americanos recém formados nas suas universidades, pois o mercado proporciona-os a valores mais reduzidos. Em alternativa, procuram-se estrangeiros com alguma experiência na liga portuguesa ou outras semelhantes na europa, isto se o valor for conciliável com a disponibilidade orçamental”.

#### **4.3.4. Situação Familiar**

Sendo a família um espaço de construção de normas e de sentido, tanto do ponto de vista material como do simbólico, é sobretudo nela e a partir dela que se interiorizam sistemas de valores e se elaboram estratégias capazes de induzir atitudes e práticas. Assim sendo, a família confere orientações às atitudes e aos comportamentos dos indivíduos, não sem considerar o contexto social envolvente e, como tal, participa na dinâmica social (Leandro, 2004).

O papel da família, nos processos de tomada de decisão anteriores e posteriores ao processo migratório, adquire particular importância, sendo ela encarada como um todo em permanente interação com um contexto social, económico e político em constante mutação (Fonseca *et al*, 2005).

As transformações vividas pelos indivíduos durante o ciclo migratório, para além de interferirem nas identidades, envolvem igualmente alterações nas formas de organização familiar, como sendo a dimensão dos agregados, as taxas e as modalidades de casamento, o divórcio e os papéis e as interações no seio da família (Machado, 2002).

Dos atletas entrevistados, oito não pretendem constituir família em Portugal e esta decisão deve-se ao facto de estarem sujeitos a contratações temporárias onde o objetivo principal da migração é o reconhecimento e desenvolvimento profissional. O fator idade também é decisivo para a tomada de decisão de constituir família em Portugal. A grande maioria dos atletas do continente americano pretende regressar ao seu país de origem para desenvolver esta ou outra atividade profissional.

Questionámos os/as atletas se pretendem trazer algum membro da família e se já reuniram condições para o reagrupamento e, de acordo com as entrevistas dois atletas já reuniram família em Portugal e outros dois pretendem também fazê-lo. Os restantes nove atletas não tencionam constituir família em Portugal. Relativamente às razões inerentes à decisão de emigrar, destaca-se o projeto familiar, ligado

também ao desejo de prosseguir a carreira profissional. De forma a compreender o impacto da família na tomada de decisão de emigrar, questionamos os treinadores sobre a perceção que têm da situação familiar dos atletas que contratam e, qual é a situação mais comum.

O treinador A referiu que:

“Quando contratamos, gostamos de saber a sua situação familiar e económica. A situação mais comum é serem atletas solteiros e sem filhos que necessitam do dinheiro para ajudar a família. Pois todos os meses quando recebem do clube enviam dinheiro para as suas casas”.

Por seu lado, o Treinador C afirma o seguinte:

“Este tipo de informação, geralmente faz parte do grupo de informações - dados pessoais - a grande maioria dos atletas oriundos dos EUA são jovens provenientes de famílias da classe média/baixa com bacharelato ou licenciatura”.

De modo geral, podemos verificar a presença de dois grupos de atletas: os que saem do seu país por dificuldades financeiras e os que pretendem progredir profissionalmente. A experiência dos treinadores dita que os atletas com dificuldades financeiras são os que mais se empenham nos clubes e nos objetivos propostos mas, são também os que têm maior rotatividade de clubes.

#### **4.4. Os Imigrantes desportistas e a sociedade Terceirense**

A imigração existe há vários séculos e constitui, por si só, uma oportunidade económica, cultural, política, demográfica e social quer para os imigrantes envolvidos, quer para os países de acolhimento. Para que haja integração plena é fundamental que o imigrante se prepare antecipadamente para a nova realidade que vai enfrentar no país de acolhimento. No caso da comunidade recetora é necessário que esteja aberta e tolerante face à diferença e face à diversidade. Esta disposição face à diversidade e à articulação com outras políticas de imigração, permite uma plena integração e adaptação à sociedade de acolhimento.

A correta definição e implementação de políticas de integração possibilita, na medida do possível, uma melhor inserção social e cultural dos indivíduos a nível dos seus direitos civis, económicos, sociais, culturais e políticos. A demonstração do valor do imigrante numa área de atividade específica,

como o desporto, corre o risco de suportar os argumentos que reduzem o direito a imigrar e à posse de recursos de trabalho altamente qualificados, de que os grandes atletas seriam um dos exemplos mais notáveis. A imigração desportiva é, sem dúvida, um espaço bastante específico do fenómeno migratório. Ainda assim, os casos de maior sucesso e visibilidade não devem ocultar situações menos favoráveis.

Os clubes desportivos, contrariamente ao que seria de esperar, não têm planos de integração para os/as atletas contratados. A integração dos atletas é feita de forma simples e sem muitas preocupações. A inexistência de planos de integração adaptados a cada atleta contratado leva a que, em muitos casos conhecidos, os atletas não se adaptem à realidade insular.

Os atletas durante as entrevistas afirmaram na sua totalidade sentirem-se integrados na sociedade terceirense e no seu clube. Consideram que os terceirenses são um povo “hospitaleiro”; “o povo mais simples de Portugal”; “são boas pessoas”; “calmos” e “simpáticos”. Afirmam não terem tido dificuldades de integração, porque tiveram o apoio dos colegas de equipa, do clube e dos amigos que foram fazendo durante os tempos livres.

#### **4.4.1. Integração dos imigrantes basquetebolistas**

Numa sociedade cada vez mais marcada pela heterogeneidade de origens e culturas, a integração dos cidadãos estrangeiros é fundamental para a harmonia e coesão social. A integração dos migrantes é essencial para abordagens de gestão eficazes e abrangentes de migração.

A integração implica uma série de outras áreas importantes, incluindo a proteção dos direitos humanos e da não discriminação, política de emprego, a segurança nacional, a estabilidade social, saúde pública, educação, cidadania e desenvolvimento. Políticas e estratégias para apoiar a inclusão social, económica e cultural dos migrantes no seu novo ambiente nos países de destino.

Educar comunidades recetoras sobre as potenciais contribuições de recém-chegados podem reforçar os efeitos positivos da migração. Apesar da migração permanente continuar a ser significativa, hoje a migração internacional é cada vez mais temporária, de curto prazo, circular e multidirecional. Os países que eram pouco afetados pela migração estão aceitar esta mudança como um grande desafio, e para tal, estão preocupados com o tipo de integração, de forma, a que seja flexível e sensível às

diferentes situações. A atual crise económica global e o seu impacto sobre países de origem e de acolhimento está a dificultar a permanência de imigrantes.

O processo de integração dos migrantes desportistas pode gerar algum grau de ansiedade do público, especialmente durante períodos de recessão económica. Como o desemprego persiste em muitos países, os migrantes são muitas vezes vistos como concorrentes para o emprego, a exercer pressão sobre os salários e como um encargo para o sistema de bem-estar.

Contudo, segundo o resultado de algumas experiências, essas perceções são em grande parte infundadas. Não só os migrantes tendem a se concentrar em apenas alguns setores, como construção civil, serviços domésticos e cuidados de saúde, mas também estes setores tendem a ser aqueles em que há um *déficit* no mercado de trabalho local, de modo que a maioria dos migrantes, muitas vezes preenchem as vagas não preenchidas pela população local. No entanto, as perceções negativas podem ser profundamente enraizadas e são melhor dissipadas através de esforços planeados e sustentados. Como já foi referido, a integração dos migrantes envolve uma série de dimensões, nomeadamente as questões económicas, sociais, culturais, políticas e jurídicas. O ideal de integração seria que todos os imigrantes se integrassem nestas dimensões. Todavia, nem todos os países de acolhimento estão dispostos e / ou são capazes de apoiar os migrantes em todas estas dimensões. Isso também varia de acordo com o status dos imigrantes no país de acolhimento. Só podemos falar de uma plena integração dos imigrantes quando estes participarem na sociedade de acolhimento.

A migração de basquetebolistas é marcada pela multidirecionalidade e, é formada por uma série de restrições incluindo as quotas, a nacionalidade, a altura, etc. Os Estados Unidos são o principal produtor e exportador de atletas basquetebolistas. Estes atletas são formados nos colégios universitários americanos e os melhores atingem a liga principal – NBA (National Basketball Association) ou a WNBA (Women’s National Basketball Association). A NBA e a WNBA estão na hierarquia do basquetebol masculino e feminino mundial, recrutando junto do sistema universitário e contratando também os talentos de outros países.

Os clubes da União Europeia têm aproveitado os talentos dos colégios universitários americanos, muito devido à liberalização do movimento migratório de atletas estrangeiros, em 1996. Em 1998 a FIBA – Federação Internacional de Basquetebol alterou o princípio da livre circulação de jogadores em todo o mundo. Apesar de na teoria ser permitido cada equipa ter no máximo dez jogadores estrangeiros, esta nova lei veio permitir aos clubes estabelecerem as suas próprias quotas de jogadores estrangeiros (Falcous, Mark; Maguire, Joseph. 2005). No caso dos clubes portugueses, na LPB (Liga

Portuguesa de Basquetebol) é permitido 4 atletas estrangeiros por época e na Proliga (Liga Profissional de Basquetebol) 2 atletas estrangeiros.

Questionamos os treinadores sobre a limitação de atletas estrangeiros por clubes, e o treinador A considera que “na nossa divisão está limitado a dois, e penso que está correto”. Por sua vez, o treinador C realça o seguinte:

“No presente, e atendendo à realidade económica e financeira da generalidade dos clubes portugueses, bem como à necessidade de fazer evoluir os nacionais, três atletas estrangeiros seria o número razoável e não os quatro atualmente permitidos. Na Proliga, um só estrangeiro seria suficiente”.

Contudo, a questão da limitação de atletas estrangeiros não é unânime entre os treinadores. O treinador B, por sua vez, afirma que “tendo em conta a mentalidade do atleta nacional acho que é uma má opção, é limitativo da qualidade do trabalho desenvolvido”.

Podemos verificar que a questão da limitação de estrangeiros não é concensual entre os treinadores das diferentes ligas, em parte por reduzir a participação de atletas nacionais. Como refere o treinador A “temos de dar espaço aos jogadores portugueses, e também criar condições para estes evoluírem com a ajuda dos jogadores estrangeiros que trazem normalmente mais qualidade à competição”. Mais uma vez a questão dos jogadores nacionais é debatida e levanta várias questões, isto porque, segundo as palavras do mesmo treinador “os valores que os bons jogadores portugueses exigem estão acima do seu real valor. Muitas vezes querem mais dinheiro do que os jogadores estrangeiros e com menor qualidade”. Esta situação leva os clubes a criar uma rotatividade de atletas estrangeiros e a optar por estes atletas em detrimento dos nacionais.

No caso do basquetebol português a crescente globalização e o crescente negócio à volta dos atletas estrangeiros, criou um aumento de contratações estrangeiras e, por consequência, uma alteração das quotas de contratação.

Segundo Robins (1997) o movimento de pessoas, incluindo migrantes desportistas, através das fronteiras é sintoma da crescente mobilidade que caracteriza a globalização. Os migrantes desportistas atravessam o mundo à procura de circunstâncias variadas, barreiras e incentivos profissionais.

Os primeiros basquetebolistas americanos aceitavam os contratos nos clubes estrangeiros por serem, uma mais-valia para a sua carreira profissional e para a sua estabilidade financeira. Ou seja, as primeiras migrações de atletas estrangeiros tinham um duplo sentido, ganhar algum dinheiro e

assegurar o reconhecimento profissional. Atualmente, as migrações de atletas profissionais não passam de um grande negócio, onde o valor oferecido por cada clube é decisivo para aceitar ou não o contrato de trabalho.

O sucesso da integração de atletas estrangeiros também se deve ao grupo de fãs de cada clube. Apesar da integração dos atletas estrangeiros ser multifacetada, o fator “fãs” é decisivo para a concentração e consequente integração dos atletas nos clubes e na sociedade de acolhimento. Os seguidores de basquetebol são fundamentais para compreender as respostas elaboradas para os jogadores migrantes no contexto social e cultural. Existe uma identidade de significados criada pelos fãs, que se centra na função entre o consumo de basquetebol comercial e a interpretação das vidas de lazer e de identidades locais. É uma identidade nacional que se vai moldando ao longo do tempo com interseções dinâmicas de classe, etnicidade e de modos de vida.

Os grupos de fãs tendem a criar estruturas mais ou menos familiares, para demonstrar afinidades aos clubes e aos atletas nacionais e estrangeiros. Apesar de haver uma identidade nacional, o desejo de vencer levou os clubes e os próprios fãs a integrar e acolher os atletas estrangeiros. Os atletas estrangeiros são considerados, em alguns casos, como fundamentais para o sucesso das equipas.

Os treinadores quando questionados sobre os atletas estrangeiros e a sua adaptação (dentro e fora do campo de jogo) avaliam, sobretudo, de forma positiva. Dando um exemplo, recorreremos às palavras do Treinador A:

“Ao longo destes anos foram raros os jogadores que não se adaptaram no clube. Esta ilha tem particularidades muito próprias e principalmente com a ajuda dos jogadores do nosso clube, estes jogadores estrangeiros adaptam-se perfeitamente dentro e fora do campo de jogo. Os atletas que se não adaptaram foram aqueles que pela sua personalidade ou pela falta de profissionalismo foram-se autoexcluindo do grupo de trabalho, e posteriormente foram-se embora”.

Como já referimos anteriormente, a integração é um processo complexo e multidirecional e, como tal, implica um período de adaptação à nova realidade e ao grupo que vão integrar. Relembramos que as maiores dificuldades de integração destes atletas sente-se em variáveis como as diferenças gastronómicas, a insularidade, a língua e a duração dos contratos de trabalho. Tendo estes fatores como os principais obstáculos à integração dos atletas, são depois o grupo de amigos e o próprio clube a contribuírem para atenuar as dificuldades de integração dos atletas. Isto refletido nos comentários de alguns atletas:

- “O clube é que me ajudou a ultrapassar todas as dificuldades”;
- “Os meus amigos ajudaram-me muito”;
- “O clube foi muito importante”;
- “Os outros colegas estrangeiros e que me ajudaram a ultrapassar as dificuldades”.

#### **4.4.2. Grupo de Amigos**

Um grupo social é constituído por um conjunto de indivíduos que têm em comum interesses, situações e/ou sentimentos. Todos os grupos dispõem de meios que os sustentam, sem esses mecanismos, os grupos sociais não existiriam, seria uma anarquia geral. Todos nós pertencemos a vários grupos (grupo familiar, grupo escolar, grupo de amigos, grupo desportivo, grupo político, etc.) e, cada grupo define uma função social em que queremos participar. A literatura sociológica distingue os grupos em primários e secundário:

Primários: quando o relacionamento entre os membros se faz de forma íntima e informal, surgindo na maior parte das vezes de forma espontânea. Nestes grupos há uma identificação dos indivíduos com os valores dominantes, sendo o caso do grupo familiar ou do grupo de amigos.

Secundários: quando o relacionamento é mais formal e distante, os laços afetivos são inexistentes, é uma coletividade mais ampla e menos espontânea que o grupo primário.

Os amigos constituem um elemento fundamental para a integração dos atletas visto que, são eles que preenchem o espaço da família e asseguram conforto e estabilidade emocional. Questionados sobre as amizades criadas (ou não) desde que chegaram à Terceira, sete atletas entrevistados afirmaram que constituíram amigos fora do ambiente profissional, enquanto os restantes seis atletas apenas se relacionam com os colegas de profissão. Apesar disto, segundo as palavras de um dos basquetebolistas: “quando saímos à noite conhecemos sempre outros amigos”.

Podemos verificar que o conceito de grupo é fundamental para a criação de laços de solidariedade e de companheirismo. Todos os atletas estrangeiros passam por um período de adaptação ao clube e a existência de um bom grupo de trabalho permite uma melhor adaptação à realidade do clube, à cultura, à língua e à insularidade

### 4.4.3. Clubes Desportivos

Os clubes desenvolvem diversas atividades orientadas para a comunidade onde os atletas estrangeiros são as figuras de destaque, assumindo papéis diversificados (atleta, treinador, formador, animador, etc.). Devido a estas iniciativas que envolvem a comunidade, os atletas migrantes alcançam algum reconhecimento entre os habitantes locais. Cinco dos treze atletas entrevistados participam frequentemente em atividades sociais e comunitárias na Ilha Terceira.

Alguns autores consideram que um dos fatores que levam os clubes a contratar atletas estrangeiros reside no fato do treinador ser estrangeiro (Falcous, Mark; Maguire, Joseph. 2005). Contudo, não concordamos que esta situação se aplique aos clubes da Ilha Terceira, uma vez que nos Açores nos clubes profissionais de basquetebol não existem treinadores estrangeiros e o número de atletas estrangeiros tem continuado a registar um aumento.

Os clubes atribuem a responsabilidade de contratação dos atletas aos treinadores e estes procuram responder a essa responsabilidade através de outros treinadores, de *sites* desportivos e de peritos desportivos. Como explica o treinado A:

“Por vezes, os estrangeiros são velhos conhecidos, por isso é fácil lembrarmo-nos deles mas, a maior parte das vezes vamos ao Site do Eurobasket e aí temos tudo o que necessitamos. Para além disso, contactamos os treinadores destes jogadores e falamos sempre com os empresários”.

Contudo as técnicas de contratação variam de treinador para treinador. O treinador C, por exemplo, descreve recorrer aos seguintes métodos:

“Método misto de recolha informativa: Informações técnicas – recolha estatística dos sítios da Internet disponíveis para o efeito, como sítios universitários dos EUA, campeonatos anteriores por onde o atleta passou, sítios da especialidade, pagos ou não, vídeos de jogos de épocas anteriores fornecidos, ou não, pelos agentes representantes dos jogadores e algumas informações técnicas cedidas por anteriores treinadores (...)  
Informações pessoais – Porventura as mais difíceis, obtidas através de ex-treinadores dos atletas e ou outros atletas”.

Durante o período de negociação a questão financeira dos clubes é essencial, uma vez que, quando há disponibilidade financeira os treinadores deslocam-se aos campos de verão nos EUA, Espanha, Sérvia

e Alemanha para avaliarem determinados atletas. Com isto, a principal lamentação, salienta o treinador C, “é ser praticamente impossível (deslocarem-se) por força das limitações orçamentais dos clubes locais”.

Assim, as formas de recolha de informação e de contato com os/as atletas são múltiplas. No caso do Treinador C os contatos são feitos “através dos agentes dos atletas que todas as épocas lhe enviam as listagens dos atletas que representam (agentes nacionais e estrangeiros, EUA, Espanha, Itália, Alemanha, Sérvia, Croácia e Macedónia); de contato direto pela Internet com atletas, como também através de outros atletas com os quais já trabalhou”. Por sua vez, o treinador A, que apenas pode contratar 2 atletas estrangeiros, limita-se a recolher informações através do site do Eurobasket.

A página de Internet do Eurobasket é um sítio exclusivo da modalidade desportiva e está diretamente associado às Federações de Basquetebol nacionais e estrangeiras. Tem como missão divulgar junto dos amantes da modalidade e de todos os interessados informações sobre os clubes, atletas, resultados dos jogos e outras informações de interesse.

Durante as entrevistas aos treinadores procurámos saber quais as vantagens em contratar atletas estrangeiros para os clubes portugueses. Sobre esta questão, o treinador A considera que as vantagens de contratação de atletas estrangeiros devem-se ao seguinte:

“À partida, serão jogadores que irão fazer diferença em posições mais débeis do plantel. Na maior parte das vezes são mais baratos do que alguns bons jogadores portugueses que jogam nessas posições. Ou seja, em termos de qualidade/preço a equipa fica a ganhar com a vinda de estrangeiros. Para além disso trazem outra cultura desportiva que Portugal ainda está longe de alcançar”.

O treinador B não partilha da mesma opinião e considera que as vantagens devem-se à “mentalidade competitiva, determinação e disponibilidade para o trabalho”.

Por sua parte, o treinador C considera que as vantagens distribuem-se por diferentes fatores:

“Possibilidade de introduzir em contexto de treino e jogo atletas mais evoluídos técnica e taticamente e com outras experiências competitivas; colmatar a insuficiência no mercado de atletas nacionais de praticantes com maior envergadura física e altura (postes; extremos poste e extremos mais altos; mais de 2 metros de altura). Do ponto de vista do treinador, é uma vantagem poder conviver e orientar jogadores de outras escolas e influenciados por outras metodologias de treino e abordagem competitiva”.

Facilmente se compreende que a contratação de atletas estrangeiros é benéfica para os clubes, não só por introduzirem novas metodologias de jogo e de treino, como também por serem contratações financeiramente mais acessíveis do que as nacionais. Estes atletas introduzem uma cultura desportiva diferente da existente no clube, por estarem totalmente disponíveis para a prática desportiva e por serem atletas com uma envergadura física diferente dos atletas nacionais.

O trabalhador migrante é caracterizado pela continua rotatividade de jogadores de época para época, quer por não se terem adaptado bem ao clube e à sociedade de acolhimento, quer por não terem cumprido os objetivos para que tinham sido contratados. Apesar dos jogadores procurarem melhores condições de trabalho nos clubes para que são contratados, são os clubes que aplicam os critérios nacionais de recrutamento, dispensando os jogadores menos produtivos.

O treinador A, quando questionado sobre se os atletas estrangeiros serem uma mais-valia para os clubes, responde:

“Normalmente sim. Digo isto porque por vezes alguns jogadores não têm brio profissional e também em termos práticos, não são essa mais-valia e, por isso mais cedo ou mais tarde temos de trocar esses jogadores. Mas claro, quando contrato esses jogadores faço-o tendo como objetivo eles serem uma mais-valia para o nosso grupo de trabalho, sempre dentro de uma perspectiva de grupo. Digo isto porque existem atletas que por vezes preocupam-se mais com os seus valores em vez dos valores coletivos, prejudicando em muito o desenrolar de uma época desportiva”.

Por sua vez, o treinador C considera que a questão de ser uma mais-valia para o clube:

“Depende do montante que foi contratualizado. Ou seja, a partir de um determinado valor é possível contratar atletas com qualidade superior à média dos nacionais, com valores baixos, consegue-se apenas algo equivalente e necessário para colmatar a inexistência de jogadores poste (5) ou extremo-poste (4)”.

Independentemente da contratação de atletas estrangeiros ser ou não uma mais-valia para o clube, é fundamental que cada clube disponha de um conjunto de atividades que permitam uma plena integração dos atletas. Estas atividades permitirão que os atletas se adaptem ao clube, ao treinador e dirigentes, aos atletas e a toda a envolvimento da prática desportiva.

O treinador A considera que este trabalho já tem sido feito pelo seu clube, explicando que:

“Quando chegam à nossa ilha tentamos, nos primeiros tempos, fazê-lo sentir em casa, porque o seu bem estar terá forçosamente benefícios para o clube. Gostamos de os levar a passear pela nossa ilha e tentamos que eles se sintam acarinhados por todo o grupo de trabalho (jogadores/treinador/dirigentes). Estamos sempre disponíveis para os ajudar. O nosso clube é como uma família. Ajudamos-nos todos uns aos outros”.

Este trabalho de integração, segundo as palavras do treinador A:

“Evita que o atleta se isole, pois a realidade da nossa ilha, como é obvio, é diferente da realidade de uma cidade maior. Preocupamo-nos sempre em criar laços de amizade entre todos, e neste sentido, os jogadores do nosso clube são fenomenais porque convidam sempre os atletas estrangeiros para os convívios sociais que participam e não só. Também é verdade que quando contratamos, por exemplo, dois americanos, é logo mais fácil a sua integração, pois convivem muito tempo com alguém do seu país”.

Convém referirmos que o clube do treinador A é um clube relativamente recente que tem sofrido diversas alterações na forma como integra os seus atletas. Consideramos importante fazer esta ressalva porque, por exemplo, o clube do treinador C é um clube muito antigo e com muita história desportiva mas, como refere o mesmo treinador: “Os clubes não têm demonstrado essa preocupação, talvez por alguma falta de formação dos dirigentes, no entanto, os treinadores normalmente acabam por despoletar este tipo de procedimentos”. Esta afirmação do treinador leva-nos a uma questão fundamental que é a da formação. Consideramos que deveria fazer parte das atividades dos clubes, um plano de formação que incluísse não só a formação técnica dos treinadores, mas também uma formação geral para atletas, treinadores e dirigentes sobre questões de interculturalidade, racismo, discriminação e integração. Acreditamos que este tipo de intervenção melhoraria a qualidade de intervenção dos clubes.

#### **4.5. expectativas e Experiências na prática desportiva**

À semelhança de outras modalidades desportivas a condição física e a idade são fatores determinantes para a continuidade da prática desportiva. Além destes fatores, a família e a localização geográfica do/a atleta são também condições fundamentais para a decisão de continuar a carreira profissional.

Juntamente ao fator idade, condição física, família e localização geográfica, temos a questão da motivação. A motivação é, portanto um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa, pois influenciam, com muita propriedade, todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com aprendizagem, desempenho e atenção (Rodrigues, 1991).

A motivação resulta da interação entre características intrínsecas ao indivíduo (personalidade, necessidades, interesses, expectativas e objetivos) e características extrínsecas a ele, relativas a fatores situacionais ou do ambiente (cultura, influências sociais, estilo do treinador, das tarefas ou do desafio) (Hernandez *et al*, 2004; Weinberg; Gould, 2001; Samulski, 2008).

A motivação intrínseca ocorre quando satisfaz o sujeito pela própria participação na atividade. As pessoas motivadas intrinsecamente visam a competência, o domínio da tarefa, a competição, a ação, a diversão e a aquisição de habilidades e o seu nível de expectativa tende a aumentar. A motivação extrínseca ocorre através de recompensas como elogios, aplausos, prémios, troféus, medalhas, dinheiro, viagens, bolsas escolares, além de punições como privação de privilégios, críticas, ridicularizações, vaias, exercícios e trabalhos extras, descontos salariais (Barroso, 2007).

No desporto, os fatores motivacionais constituem um dos principais elementos que impulsionam o/a atleta a praticar determinada modalidade desportiva. Para Samulski (2002) quando a satisfação do sujeito é inerente ao objeto de aprendizagem, não dependendo de elementos externos ocorre a motivação intrínseca, por conseguinte, a extrínseca está relacionada ao determinismo que envolve a aprendizagem, ganho de medalhas, salários e interação social.

No caso dos atletas estrangeiros que jogam nos clubes da Terceira podemos considerar que está muito presente a motivação extrínseca, isto porque, principalmente no grupo etário dos 20-24 anos, os/as atletas procuram ganhar dinheiro, reconhecimento profissional e notoriedade para regressarem aos seus países de origem.

Quando questionados sobre se pretendem continuar a jogar basquetebol na Liga Portuguesa, dez atletas responderam afirmativamente apesar de quererem experimentar outros clubes fora do Arquipélago dos Açores. Os três atletas que não pretendem continuar na Liga Portuguesa ambicionam continuar as suas carreiras em clubes europeus.

Relativamente ao futuro, questionámos os/as atletas sobre o que pretendem fazer quando terminarem as suas carreiras desportivas. Destacam-se as seguintes respostas:

- “Trabalhar na minha área de formação”;
- “Continuar ligado ao basquetebol através da formação”;
- “Trabalhar na área do ensino e da formação”;
- “Voltar a trabalhar nos Recursos Humanos”;
- “Quero trabalhar no meu país”;
- “Concluir a universidade”;
- “Ainda não penso nisso”.

Como podemos compreender, o desporto é um aspeto intrínseco à vida destes atletas e estará sempre presente nas suas vidas. Contudo, e em parte devido à situação económica dos respetivos atletas, ambicionam concluir os estudos e exercer as suas formações académicas nos seus países de origem.

## Conclusão

Não há dúvidas de que o desporto é um fenómeno social e cultural com grande relevância na nossa sociedade. O papel do desporto na promoção da integração social, em particular dos jovens, é amplamente reconhecido. Segundo Niessen (2000: 68), “o desporto aumenta o entendimento e a valorização das diferenças culturais e contribui para a luta contra os preconceitos e a exclusão social dos imigrantes e minorias”. De acordo com o Livro Branco sobre o Desporto da Comissão Europeia, o desporto profissional assume uma importância cada vez maior, facilitando a integração dos migrantes, ao mesmo tempo que, promove o diálogo intercultural.<sup>12</sup> O desporto desenvolve a noção comum de pertença e de participação, pelo que pode também constituir uma ferramenta importante para a integração dos imigrantes. É neste contexto que se revela imprescindível disponibilizar espaços para a prática do desporto e apoiar as atividades com ele relacionadas, de forma a permitir aos imigrantes e à sociedade de acolhimento interagir de forma positiva.

Face à participação de treze atletas imigrantes, que praticam a modalidade desportiva basquetebol na Ilha Terceira, ao nosso enquadramento teórico, à metodologia utilizada e face à interpretação dos resultados da nossa investigação, concluímos que:

- Apesar dos clubes não disporem de planos de integração para os atletas estrangeiros contratados, os mesmos têm adotado boas práticas de integração nomeadamente: o inglês como língua dominante em campo; o aluguer dos quartos/casas é da responsabilidade dos clubes; os atletas participam ativamente na promoção da atividade desportiva e do próprio clube, entre outros;
- A insularidade, a língua e a gastronomia são os fatores que mais contribuem para as dificuldades de integração. Estes fatores são ultrapassados com o apoio do clube, dos treinadores, dos atletas nacionais e estrangeiros e do grupo de fãs de cada clube;
- A limitação de atletas estrangeiros contratados para os clubes de basquetebol da Ilha Terceira não é entendida pelos treinadores de basquetebol como negativa, pelo contrário, os treinadores consideram que a limitação de atletas estrangeiros permite dar oportunidade aos atletas nacionais e estabelecer uma maior rotatividade entre os atletas;

---

<sup>12</sup> Livro Branco sobre o Desporto – Comissão Europeia, [http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/sport/documents/white-paper/whitepaper-short_pt.pdf)

- A imigração dos atletas para a Ilha Terceira é motivada por razões económicas e por reconhecimento profissional. Os atletas aspiram representar outros clubes no panorama desportivo nacional e internacional;
- Os atletas com formação superior pretendem, no fim da carreira, exercer nos seus países de origem a sua área de formação;
- Os clubes, associações, organismos públicos e governamentais necessitam de melhorar/atualizar a base de dados referente aos atletas estrangeiros contratados;
- Os atletas estrangeiros são uma mais-valia para os clubes açorianos, por fazerem a diferença em determinadas posições, por serem, na maior parte das vezes, economicamente mais acessíveis do que os atletas nacionais e por incutirem nos clubes uma nova cultura desportiva;

Este estudo, sendo pioneiro em Portugal Continental e Regiões Autónomas, permitirá às associações e clubes criar/repensar os planos de integração sempre que possível, antes de iniciar as épocas desportivas e o período de contratação de atletas. À semelhança do que acontece, por exemplo com os estudos sobre o futebol, esperemos que este estudo sirva de rampa de lançamento para novas investigações e para melhorar a integração de atletas estrangeiros em Portugal.

## Referências Bibliográficas

ACIDI (2007). Plano para a Integração dos Imigrantes, Lisboa, ACIDI.

ALMEIDA, João Ferreira de (1994). Metodologia da pesquisa empírica. Lisboa: Universidade Aberta.

APPLEYARD, Reginald (1991). International Migration: Challenge for the Nineties, Genebra, IOM..

BAGANHA, Maria Ioanis, FERRÃO, João, MALHEIROS, Jorge (1999). Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português, in *Análise Social*, vol. 34, n.º 150, pp.147-173.

BAGANHA, Maria Ioannis e FONSECA, Maria Lucinda (2004). *New Waves: Migration From Eastern to Southern Europe*. Lisboa: Fundação Luso Americana.

BAKER, W. (1982). *Sports in the Western World*. Totowa, NJ: Rowman & Littlefield.

BALE, J. (1991). *Tehe Brawn Drains; Foreign Student – Athletes in American Universities*. Urbana, IL: University of Illionis Press.

BALE, John; MAGUIRE, Joseph (2004). *The Global Sports Arena: Athletic Talent Migration in an Interdependent World*. London.

BARROSO, Mário Luiz C. *et al.* (2007). Motivos de prática de esports coletivos em Santa Catarina. In: *Forum Internacional de Esports*. Florianópolis, n.º 6.

BENTO, J.O. (2000): Da credibilidade do desporto e da construção do futuro. *Jornal "A Bola"* de 8 de Janeiro.

BERRY, J. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, pp. 60-80.

BETRÁN, Olivera J. (1984). *1250 ejercicios y juegos en baloncesto. (Bases teóricas y metodológicas. La iniciación)*. Barcelona: Editorial Paidotribo.

BRACHT, Valter (2005). *Sociologia critica do Esporte – uma introdução*. 3ª edição, Editora Unijuí.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro ( 2008). *Metodologia da Investigação: Guia para a Autoaprendizagem*, 2ª Edição. Lisboa: Universidade Aberta.

CARNEIRO, R. (1997): As Portas do Terceiro Milénio. In O desporto no século XXI: os novos desafios. Ed. Câmara Municipal de Oeiras.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark, (2003). The age of migration: international population movements in the modern world, Palgrave MacMillian, New York.

CASTELLS, Manuel (2001). A sociedade em rede. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra.

CASTLES, Stephen (2005). Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos Trabalhadores convidados às Migrações Globais, Trad. Frederico Ágoas, Lisboa: Edições Fim de Século.

COHEN, Robin (2005). Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano. In Barreto, António (org.). Globalização e Migrações. Lisboa: ICS.

DANIEL, G.H. (1939). Labour Migration and Age Compositio, Sociological Review, n.º 3.

DEBORD, Guy (1994). The society of the spectacle. New York: Zone Books.

Dicionário de Sociologia, (2003). Porto: Porto Editora.

DIGEL, H. 1983. Sport und Berichterstattung. Reinbek.

DRYANSKY, G. (1982). American Jump Shots in Europe. New York Times and Magazine, 28 November.

DUNNING, E., MAGUIRE, J. and PEARTON, R. (1993). The Sports Process: Essays in Comparative and Development Sociology. Urbana, IL: Human Kinetics.

EICHBERG. H. Der Weg dès (1979). Sports in die industrielle Zivilisation. Baden-Baden: Nomo.

ELIAS, N. (1980). Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, (cap.3).

ELIAS, N.; DUNNING, E. (1985). A Buscada excitação. Lisboa: Difel.

FALCOUS, Mark; MAGUIRE, J. (2005). Globetrothers and Local Heroes? Labor Migration, Basketball and Local Identities. Sociology of Sport Journal, pp.137-157.

FONSECA, Maria Lucinda (coord.), Meghann Ormond, Jorge Malheiros, Miguel Patrício e Filipa Martins (2005). Reunificação Familiar e Imigração em Portugal, 15. Lisboa: Observatório da Imigração.

- GARDNER, R. and LAMBERT, W. (1972). *Attitudes and Motivation in Second-Language Learning*. Rowley, Ma.: Newbury House.
- GEORG, P. (1970). Types of Migration of the Population According to the Professional and Social Composition of Migrant in Janses, C.J. (ed.), *Readings in the Sociology of Migration*. Oxford: Oxford University Press.
- GREGORY, D. and John URRY (1985). *Social Relations and Spatial Structures*, Vol. 25.
- GIDDENS, Anthony (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GIDDENS, Anthony (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GRUNEAU, R., Canrelon, H. (1982). *Capitalism, Commercialism and the Olympics in Segrave, J. and Chu, D. (eds.), The Olympic Games In Transiton*. Champagn, Illionis: Human Kinetics.
- GUTTMANN, A. (1979). *Vom Ritualzum Rekord*. Schorndorf: Karl Hofman.
- GUTTMANN, A. (1991). Sport Diffusion: A response to Maguire and the Americanization Commentaries, *Sociology of Sport Journal*, 8, 2, 185-90.
- GUTTMANN, A. (2004). *From ritual to record*. New York: Columbia University Press.
- HAGERSTRAND'S, T. (1967). *Innovation Diffusion as a Spatial Process*. Chicago: Chicago University Press.
- HALL, Stuart (2006). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Editora UMH, Universidade Indiana.
- HERNANDEZ, J. A. E.; VOSER, R. C.; LIKAUKA, M. G. A. (2004). *Motivação no esporte de elite: comparação de categorias de futsal e futebol*. Buenos Aires: Revista Digital, ano 10, n. 77.
- HOULIHAN, B. (2008). *Sport and Society: A Student Introduction*. London: SAGE Publications Ltd.
- JACKSON, John A. (1991). *Migrações*, Trad. Raul Sousa Machado. Lisboa: Editora Escher.
- JANSEN, C. (1969). Some sociological aspects of migration, in J.A. Jackson (Ed.), *Migration*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KALAROVA, Mariana; PEIXOTO, João (2009). *Sindicatos e Imigração em Portugal*. ACIDI: Observatório da Imigração.

LEANDRO, Maria Engrácia (2004). Dinâmica social e familiar dos projetos migratórios – uma perspetiva analítica, *Análise Social*, n.º 170, pp. 95-118.

LOURENÇO, L. & ILHARCO, F. (2004). *Liderança: As Lições de Mourinho*. Booknomics.

LIMA, T. *et al.*, (1888). *Basquetebol. Textos técnicos*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção Geral dos Desportos.

MACHADO, Fernando Luís (2002). *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

MCGOVERN, P. (2002). Globalization or Internalization? Foreign footballers in the English League, 1946-1995. *Sociology*, 36.

MAGUIRE, J (1988). The Commercialization of English Elite Basketball 1972-1988: afigurational perspective, *International Review for the Sociology of Sport*.

MAGUIRE, J. (1999). *Global Sport: Identities. Societies. Civilizations*. Cambridge, UK: Polity Press.

MAGUIRE, Joseph (2001). *Global Sport: Identities, Societies, Civilizations*. UK: Polity Press.

MAGUIRE, Joseph *et al.* (2002). *Sport Worlds: A Sociological Perspective*. EUA: Human Kinetics.

MAGUIRE, Joseph (2004). Pontos e Questões chave do complexo desportivo – media globais. Reino Unido: Universidade de Loughborough, n.º 3, pp. 7-26.

MAGUIRE, J. & PEARTUN, R. (2000b). The impact of elite labor migration on the identification, selection and development of European soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 18.

MAGUIRE, J. & SUGDEN, J. (2002). The world at their feet: Professional football and international labor migration. *Journal of sport and Social Issues*, 26.

MAGUIRE, Joseph & FALCOUS, Mark (2011). *Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings*. Nova Iorque: Routledge.

MARQUES, A. (1992): Os Jogos Olímpicos e a Ciência do Desporto. *Revista Horizonte*, (VIII) 50:61-66.

MENNELL, S. (1990). *The Sociological Study of history: Institutions and Social Development in* Bryant, C. and Becker, H. (eds) *What has Sociology Achieved?* London: Macmillan.

- NAISMITH, J. (1941). Basketball: its origin and development. New York: Association Press.
- NAISMITH, J. (1996). Basketball: its origin and development. Lincoln and London: University of Nebraska Press.
- NIESSEN, J. (2000). Diversity and cohesion: new challenges for the integration of immigrants and minorities. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- PEIXOTO, João (2002). Os Fundamentos Sociais dos Mercados de Trabalho: O Caso da Imigração Estrangeira em Portugal, Lição Síntese para Provas de Agregação. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão / Universidade Técnica de Lisboa.
- PEIXOTO, João (2004). As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias micro e macro Sociológicas, SOCIOUS Working Papers, nº11, Lisboa, ISEG.
- PEIXOTO, João (2007). Dinâmicas e Regimes Migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal, in *Análise Social*, Vol. XLII (183), pp. 445-469.
- PEIXOTO, João (2008). Dinâmicas e mercado de trabalho em Portugal: investimentos e tendências recentes. In *Análise Social*, vol. 42, n.º 183.
- PIORE, M. (1979). *Birds of Passage: Migrants Labour and Industrial Societies*. Cambridge. Cambridge University Press, X, p. 229, (cap.3).
- PIRES, G. (1996): *Desporto e Política. Paradoxos e realidades*. Ed. O Desporto.
- PIRES, Rui Pena (2003). *Migrações e Integração*. Oeiras: Celta Editora.
- PIRES, Rui Pena (coord.), Fernando Luís Machado, João Peixoto e Maria João Vaz, (2010). *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*. Lisboa, Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian.
- PIRES, Anibal (2010). *Imigrantes nos Açores – Representações dos Imigrantes face às políticas e práticas de acolhimento e integração*. Ponta Delgada: Edições Macaronésia.
- PORTES, A. (1978). *Migration and Underdevelopment in Politics and Society*, 8, pp. 1-48, (cap.3).
- PORTES, A. (1999). *Conclusion: Towards a new world – the origins and effects of transnational activities*, *Ethnic and Racial Studies*.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDL, L.V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradivc.

- RAINS, B. (2009). James Naismith. The man who invented basketball. Philadelphia: Temple University Press.
- ROBINS, K. (1997) —What in the world's going on?!. In: du Gay, P. (ed.).
- ROCHA, G. (1991). Dinâmica Populacional dos Açores no séc. XX: unidade, permanência, diversidade. Ponta Delgada: UAC.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1995). Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2009). Migrações: Permanências e Diversidades. Porto: Edições Afrontamento.
- RODRIGUES, P. A. (1991). Motivação e performance. Monografia (graduação). UNESP, Rio Claro, São Paulo.
- ROSE Arnould M. (1969). Migrants in Europe: Problems of Acceptance and Adjustment. Minneapolis: University of Minneapolis.
- ROSE, Arnould M. (1970). Distance of migration and socio-economic status of migrants, in C. Jansen, Readings in the Sociology of Migration. Oxford: Pergamon Press. (Originalmente publicado em American Sociological Review, vol. 23, 1958).
- SAMULSKI, D. M. (2002). Psicologias do Esporte. 2ª Edição. Barueri. Ed. Manole.
- SODERLING, I. (1988). Dimensions of Population Movement: Individual, Regional and Social Level Consideration in Finland in 1977-1978. University of Turku. Series C, Part 65.
- STRAUBHAAR, T. (1986). The Cases of International Labour Migrations: A Demand-determined Approach. International Migratio Review.
- STODDART, B. (1989). Sport in the Social Costruct of the Lesser Developed Word: A Commentary, Sociology of Sport Journal, 6, 125-35.
- STOUFFER, S. (1940). Intervening opportunities: a theory relating mobility and distance, American Sociological Review. Vol 5, N.º 6.
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (1998). Basics of qualitative research: procedures and techniques for developing grounded theory. California: SAGE Publications.

TAVARES, F.; Santos, A.; Santos, E. (2011). *Sebenta de Basquetebol*. Porto: FADEUP.

TAYLOR, P. (1985). *Political Geography*. London, Longman.

TYLOR, E. (1871) *Primitive Culture*. Londres, John Mursay & Co. [1958, Nova York, Harper Torchbooks.]

VITORINO, António. *et. al.*, (2009). *Migrações: Oportunidade ou Ameaça? – A habitação e a Saúde na Integração dos Imigrantes*. Cascais, Gulbenkian Migrações.

## **Webgrafia**

<http://baskettotal.com>

<http://www.abit.com.pt>

<http://www.diasbola.com>

<http://www.ilo.org>

<http://www.ine.pt>

<http://www.nba.com>

<http://www.oi.acidi.gov.pt>

<http://www.planetabasket.pt>

<http://www.sef.pt>

<http://www.wnba.com>

# **Anexos**

## **Migrantes Desportistas:**

### **O caso dos Basquetebolistas profissionais da Ilha Terceira**

Mestranda: Ana Margarida Cunha Silva

Orientador: João Sardinha

Estamos a solicitar a sua participação num estudo sobre os Migrantes Basquetebolistas residentes na Ilha Terceira.

Este estudo tem como objetivo compreender o processo de contratação e de integração dos atletas na sociedade terceirense, tanto a nível dos clubes, como da regularização de documentos, saúde, integração laboral, integração social e familiar.

Esta participação será voluntária, pelo que poderá interromper a entrevista em qualquer momento.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio desta entrevista.

A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar. Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os resultados serão codificados.

Gostaríamos de saber se aceita participar nesta entrevista e se autoriza a gravação da mesma.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2012

Assinatura da Investigadora \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

## GUIÃO DE ENTREVISTA – Treinador/Dirigente

Dados do entrevistado:					
Idade					
	Feminino		Masculino		
Sexo					
Nacionalidade					
Escolaridade	Básico	Secundário	Superior		
	Solteiro	Casado	Divorciado	Viúvo	União de Facto
Estado Civil					
1. Questões sobre a contratação de imigrantes:					
<p>1.1. No seu entender quais são as vantagens de contratação de atletas estrangeiros?</p> <p>1.2. Como obtem informações sobre o percurso profissional dos atletas?</p> <p>1.3. Qual ou quais as formas que recorreu para recrutar este atletas?</p> <p>1.4. Considera que os atletas estrangeiros são uma mais-valia para os clubes?</p> <p>1.5. Que regalias apresentam aos atletas estrangeiros no ato da contratação?</p> <p>1.6. Qual a rotatividade de trabalhadores estrangeiros?</p> <p>1.7. A equipa tem orçamento específico para contratar talento estrangeiro? Como é gerido essa política de contratação?</p>					
2. Questões sobre a Intervenção do Clube na Integração Pessoal e Familiar:					
2.1. Como procura conhecer a situação de legalidade dos trabalhadores imigrantes? Existe algum					

estatuto que beneficia a contratação de atletas estrangeiros?

2.2. Já teve de lidar com dificuldades de legalização de atletas?

2.3. Tem perceção da situação familiar dos atletas que contrata? Qual a situação mais comum?

2.4. O Seu clube já ajudou algum atleta estrangeiro no processo de reagrupamento familiar ou nas burocracias a que estão sujeitos?

2.5. O seu clube procura criar um plano de integração para cada atleta contratado?

2.6. Qual é a preocupação principal do clube a nível da integração?

### **3. Questões sobre a Integração de Imigrantes em Portugal:**

3.1. Na sua opinião os atletas estrangeiros adaptam-se bem (dentro e fora do campo de jogo)? Por que sim ou não.

3.2. Qual a sua opinião sobre a limitação de atletas estrangeiros por clube?

3.3. Considera que os atletas imigrantes estão mais vulneráveis à conjuntura atual que os atletas nacionais?

## GUIÃO DE ENTREVISTA - Atletas

Dados do entrevistado:					
Idade					
	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>			
Sexo					
Nacionalidade					
Escolaridade	<b>Básico</b>	<b>Secundário</b>	<b>Superior</b>		
	<b>Solteiro</b>	<b>Casado</b>	<b>Divorciado</b>	<b>Viúvo</b>	<b>União de Facto</b>
Estado Civil					
1. Questões sobre a mobilidade e recrutamento/seleção:					
1.1. Como encontrou a oportunidade de trabalhar na Ilha Terceira?					
1.2. Quando surgiu a oportunidade de vir para a Ilha Terceira como reagiu, como encarou a possibilidade, hesitou ou não?					
1.3. Quais as condições de remuneração que o Clube lhe ofereceu: salário fixo? Salário fixo + prémios por jogo? Salário fixo + alojamento/alimentação? Outro?					
1.4. Sente-se realizado na sua profissão?					
1.5. Considera o seu salário adequado à função que exerce?					
1.6. Considera que o seu salário está ao mesmo nível do salário do/as atletas não-migrantes?					
1.7. Que tipo de contrato tem neste momento: contrato permanente? Contrato temporário? Outro?					
2. Questões sobre a estadia em Portugal:					

2.1. Há quanto tempo está em Portugal? E há quanto tempo trabalha na Ilha Terceira?

2.2. Veio para a Ilha Terceira com visto de turista ou visto para trabalhar?

2.3. Veio para a Ilha Terceira com quem?

2.4. Tem a sua situação regularizada no SEF(Serviço de Estrangeiros e Fronteiras)?

### **3. Questões sobre a Família/Reagrupamento Familiar:**

3.1. Tem família em Portugal?

3.2. Pretende trazer algum membro da sua família para a Ilha Terceira? Já reuniu condições suficientes para isso?

3.3. Pretende constituir família em Portugal?

### **4. Questões sobre o acesso a benefícios sociais:**

4.1. Está inscrito na Segurança Social?

4.2. Faz descontos para a Segurança Social Portuguesa?

4.3. Já precisou de usar o Sistema de Saúde Português? Porquê?

### **5. Questões sobre a língua/escolaridade:**

5.1. Ingressou no Sistema de Ensino Português para aprender a língua portuguesa?

5.2. Qual é o seu nível de fluência da língua portuguesa: Muito Bom? Suficientemente Bom? Mais ou menos? Não consigo falar português?

5.3. Pretende continuar estudos em Portugal?

### **6. Questões sobre a integração:**

6.1. Quais foram as principais dificuldades que sentiu quando chegou à Ilha Terceira? Quem o

ajudou a ultrapassá-las?

6.2. Já tinha experiência em trabalhar fora do seu país?

6.3. O seu grupo de amigos é constituído só por colegas de trabalho?

6.4. O que pensa do povo terceirense?

6.5. Está satisfeito com a sua vinda para a Ilha Terceira?

6.6. Pensa regressar ao seu país? Ou emigrar para outro país? Qual?

6.7. Participa em alguma atividade social ou comunitária na Ilha Terceira?

#### **7. Questões sobre alojamento/habitação:**

7.1. Foi o seu clube que lhe arranhou casa/quarto para morar?

7.2. A casa é partilhada por outro/as atletas estrangeiros?

7.3. Quem se responsabiliza pelo pagamento das despesas da casa (renda, água, luz, gás, tv cabo, internet, etc)?

#### **8. Questões sobre o seu Clube:**

8.1. O seu Clube ajudou-o com a regularização de documentos? Aprendizagem da Língua Portuguesa? Integração no Sistema de Ensino Português?

8.2. Desempenha também a função de treinador dos escalões de formação?

8.3. Recomendaria o seu Clube a outros atletas estrangeiros?